



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

LARISSA FREITAS DE SANTANA

**A CADEIA PRODUTIVA DO LEITE E DO QUEIJO NO SÍTIO MARIAS PRETAS NO
MODO DE PRODUÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR – GADO BRAVO – PB**

**CAMPINA GRANDE
2024**

LARISSA FREITAS DE SANTANA

**A CADEIA PRODUTIVA DO LEITE E DO QUEIJO NO SITIO MARIAS PRETAS NO
MODO DE PRODUÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR – GADO BRAVO – PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentada ao Curso de Geografia do
Departamento de Geografia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Área de concentração: Estudos Agrários

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S231c Santana, Larissa Freitas de.
A cadeia produtiva do leite e do queijo no Sítio Marias Pretas no modo de produção da agricultura familiar – Gado Bravo – PB [manuscrito] / Larissa Freitas de Santana. - 2024.
83 f. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.
"Orientação : Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima, Departamento de Geografia - CEDUC".
1. Questão Agrária. 2. Agricultura Familiar. 3. Território. 4. Produção de queijo. I. Título

21. ed. CDD 338.18

LARISSA FREITAS DE SANTANA

**A CADEIA PRODUTIVA DO LEITE E DO QUEIJO NO SITIO MARIAS PRETAS NO
MODO DE PRODUÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR – GADO BRAVO – PB**

Monografia apresentado à Coordenação do
Curso de Geografia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciada em Geografia

Aprovada em: 13/11/2024.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Edvaldo Carlos de Lima** (***.695.344-**), em **25/11/2024 15:55:56** com chave **e71d85b6ab5e11efbb501a7cc27eb1f9**.
- **Mônica Larissa Aires de Mâcedo** (***.282.504-**), em **27/11/2024 18:34:28** com chave **616ed5b4ad0711efb2552618257239a1**.
- **Maria Marta dos Santos Buriti** (***.755.864-**), em **25/11/2024 21:28:34** com chave **5f4fc142ab8d11ef93521a1c3150b54b**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir. **Tipo de Documento:** Termo de Aprovação de Projeto Final

Data da Emissão: 29/11/2024

Código de Autenticação: 1d92b5



Aos meus insubstituíveis amores: minha mãe Edna e meu pai Ivanildo; meus irmãos: Brayan, Ravy; Minhas avós: Isalda e Josefa; Minhas tias: Elaine, Erika, Elba, Maria, Socorro. Meus tios: Simão e Eronildo. Meus inesquecíveis avôs: Henrique e Manoel, saudade eterna (em memória), DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Profundo agradecimento aos meus pais, Ivanildo e Edna. Em meio a tantos desafios, vocês sempre fizeram o impossível para que nada me faltasse, o alimento e a vestimenta estavam sempre ali, mas o que realmente alimentou meu espírito foi o amor e o apoio incansável que vocês me deram. Ao olhar para trás, percebo que a força e a coragem que me sustentaram vieram de vocês. Obrigada por cada sacrifício, por cada gesto de carinho e por acreditarem em mim todos os dias. Tudo que sou devo a vocês.

Reconheço o esforço do meu pai e é necessário evidenciar, que por dias fez um esforço imenso para me ajudar. Saía direto do trabalho, muitas vezes sem almoçar, e me esperava quando eu não tinha carona para voltar para casa. Seu sacrifício e cuidado me deu o verdadeiro significado de amor e dedicação, e serei eternamente grata por esse apoio constante.

E sou eternamente grata à minha mãe, que, com todo seu amor e esforço, utilizou as criações de seus poucos animais para comprar meu primeiro notebook. Ela sempre se dedicou fazendo quase o impossível para juntar dinheiro e atender às minhas necessidades. Sua determinação e carinho foram fundamentais para que eu pudesse seguir meus sonhos. O sacrifício dela reflete um amor incondicional que me inspira todos os dias, e sou profundamente grata.

Aos meus irmãos, por sempre estarem ao meu lado. E às minhas avós, por serem fontes de sabedoria e carinho.

Agradeço também às minhas tias, por sempre me incentivarem e estarem presentes nos momentos importantes. Aos meus inesquecíveis avós, Henrique e Manoel, que deixaram um legado de amor e ensinamentos, fica a saudade eterna (em memória).

Sou profundamente grato aos meus amigos que fizeram parte dessa minha jornada. Primeiro, ao meu amigo Welhington, que foi um verdadeiro pilar de apoio durante todo o percurso. Que me acompanhou de perto, sempre acreditando no meu potencial e me incentivando com palavras que iluminavam o caminho, especialmente nas horas mais difíceis.

Ao meu amigo Edgley, que, com sua generosidade, estendeu a mão sempre que precisei. Em cada desafio, você esteve lá, com paciência sempre. Não agradeço só pela ajuda técnica, mas pelo apoio constante, que fez toda a diferença no meu percurso.

E, por fim, a minha amiga Lidianne, que, com um olhar sensível e minucioso, corrigiu cada detalhe do meu trabalho. Suas palavras finais me emocionaram e arrancaram lágrimas, pois ela enxergou o sentimento que eu queria transmitir em cada linha, reafirmando a importância desse trabalho para mim. Obrigada a cada um de vocês por serem mais que mestres: vocês foram a inspiração e a força que me sustentaram.

Agradeço ao meu tio Simão, que tantas vezes se dispôs de madrugada para me levar ao ponto do ônibus, garantindo que eu pudesse seguir em frente com meus estudos. E aos meus amigos Inaldo, Simone e Vanuza, que, conhecendo minhas dificuldades, sempre se dispuseram a me ajudar, me conduzir e buscar no ponto de ônibus. A generosidade e o cuidado de vocês significaram muito mais do que um simples favor; foram projeções de amizade e apoio inestimáveis ao longo da minha jornada.

Agradeço ao meu professor orientador, Edvaldo Carlos de Lima por sua orientação, paciência e dedicação durante todo o processo de elaboração deste trabalho. Sua contribuição foi fundamental para o meu crescimento acadêmico. Aprendi muito com sua magnitude pessoa enquanto sua aluna e enquanto sua orientanda. É um profissional excepcional.

Aos meus professores da graduação pela contribuição que cada um deu com a minha formação. Com certeza carregarei comigo um pouco da essência de cada um de vocês.

Aos produtores do Sítio Marias Pretas que em sua rica simplicidade compartilharam um pouco de seus vastos e diversificados conhecimentos que possibilitou a construção deste trabalho.

Aos amigos e colegas da academia que direto ou indiretamente registraram suas contribuições à cerca da minha formação.

“Os agricultores organizam suas estratégias, vivem suas lutas e fazem suas alianças em função destes dois domínios: a memória que guardam de sua história e as ambições que têm para o futuro. Suas chances de atingir o modelo ideal, ou simplesmente de se aproximar dele, dependerão da complementaridade de seu projeto junto ao que a sociedade elaborou para eles.”

(Hugues Lamarche)

A CADEIA PRODUTIVA DO LEITE E DO QUEIJO NO SITIO MARIAS PRETAS NO MODO DE PRODUÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR – GADO BRAVO – PB

RESUMO

Diante das diversas formas de produção e organização do campo brasileiro, queremos analisar mais uma perspectiva que compõe esse conjunto. Sabemos que as análises correspondentes ao espaço agrário passam pelos aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais. No caso aqui, apresento nossa análise de pesquisa por meio das complexidades produtivas que encontramos junto aos agricultores familiares na cadeia produtiva inerentes à produção do queijo e do leite no interior do Sítio Marias Pretas no município de Gado Bravo – PB. Com uma abordagem qualitativa, fundamentada em conceitos da geografia agrária, a investigação foi orientada para responder a um problema central: Quais são as principais dificuldades que o agricultor familiar enfrenta em relação ao rendimento da produção de leite e queijo, e de que forma essas dificuldades impactam sua motivação para continuar na atividade? Para obter essa resposta, objetivamos investigar as práticas de produção desenvolvidas e utilizadas por quatro produtores rurais do Sítio Marias Pretas no município de Gado Bravo – PB, tendo como foco principal o desenvolvimento da cadeia produtiva inerente à produção de queijo coalho, manteiga e seus derivados. Neste sentido, o conceito de cadeia produtiva comparece em sua plenitude porque os agricultores seguem os elementos de extração própria da matéria-prima, o leite; transformação desta matéria, a embalagem dos seus produtos e a distribuição dos mesmos. Diante deste contexto, procuramos conhecer e compreender como os agricultores dessa cultura, mesmo com o mínimo de investimentos ainda conseguem se integrar a comercialização dos seus produtos e consumi-los. Outra preocupação que adotamos está na perspectiva do território ali produzido. Portanto refletimos sobre a importância deste conceito e suas relações com o lugar da pesquisa. Assim pudemos observar a valorização dos saberes produzidos e suas vivências no cotidiano da produção naquele território. Além disso, verificar a existência de elementos que constituem a questão agrária. Para aproximarmos do objeto de estudo particionamos a metodologia utilizada em três momentos: Os resultados revelam que as atividades produtivas dos produtores do Sítio Marias Pretas, estão profundamente enraizadas na tradição da produção de queijos artesanais. Essa prática não apenas sustenta parte da economia local, mas também preserva um saber cultural que atravessa gerações, sendo um elemento central na identidade da comunidade com o seu lugar. Essa pesquisa também revela os aspectos que pode prejudicar diretamente a renda desses agricultores e os colocam sob permanentes desafios diante do mercado e de suas próprias sobrevivências. Finalmente

acreditamos que este trabalho contém várias formas de contribuições para futuras análises de referências para novas pesquisas sobre esta temática.

Palavras Chaves: Questão agrária; Agricultura Familiar; Território; Produção de queijo.

THE MILK AND CHEESE PRODUCTION CHAIN AT SITIO MARIAS PRETAS IN FAMILY FARMING PRODUCTION MODE – GADO BRAVO - PB

ABSTRACT

Given the various forms of production and organization in the Brazilian countryside, we want to analyze another perspective that makes up this set. We know that analyses corresponding to the agrarian space involve economic, social, political and cultural aspects. In this case, I present our research analysis through the productive complexities that we found with family farmers in the production chain inherent to the production of cheese and milk within the Marias Pretas Farm in the municipality of Gado Bravo - PB. Using a qualitative approach, based on concepts of agrarian geography, the investigation was oriented to answer a central problem: What are the main difficulties that family farmers face in relation to the income from milk and cheese production, and how do these difficulties impact their motivation to continue in the activity? To obtain this answer, we aimed to investigate the production practices developed and used by four rural producers from the Marias Pretas Farm in the municipality of Gado Bravo - PB, with the main focus being the development of the production chain inherent to the production of coalho cheese, butter and their derivatives. In this sense, the concept of production chain appears in its entirety because farmers follow the elements of extraction of their own raw material, milk; transformation of this material, packaging of their products and their distribution. Given this context, we sought to know and understand how farmers of this crop, even with minimal investment, still manage to integrate into the commercialization of their products and consume them. Another concern we adopted is the perspective of the territory produced there. Therefore, we reflected on the importance of this concept and its relations with the place of research. Thus, we were able to observe the valorization of the knowledge produced and their experiences in the daily production of that territory. In addition, we verified the existence of elements that constitute the agrarian issue. In order to approach the object of study, we divided the methodology used into three moments: The results reveal that the productive activities of the producers of Sítio Marias Pretas are deeply rooted in the tradition of artisanal cheese production. This practice not only sustains part of the local economy, but also preserves cultural knowledge that spans generations, being a central element in the community's identity with its place. This research also reveals aspects that can directly harm the income of these farmers and also place them under permanent challenges in the face of the market and their own survival.

Finally, we believe that this work contains several forms of contributions for future analyses of references for new research on this topic.

Keywords: Agrarian question; Family Farming; Territory; Cheese production.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Captação do leite pelo Produtor A	44
Figura 2- Leite coletado pelo Produtor A	45
Figura 5 - Coalhada Uniforme do Produtor A	48
Figura 7 - Coleta de leite em uma medida de leite pelo Produtor B.....	49
Figura 8 - Produtor C realizando a ordenha	51
Figura 9 - Leite coletado e coado pelo Produtor C.....	51
Figura 10 - Produção de queijos coalho do Produtor C.....	52
Figura 11 - Produção de queijos coalho do Produtor B.....	53
Figura 12 - Técnica de Prensagem do queijo coalho do Produtor A	54
Figura 13 -Técnica de Prensagem do queijo coalho do Produtor B	54
Figura 14 - Técnica de Prensagem do queijo coalho do Produtor C	54
Figura 15 - Queijo de manteiga do produtor D	56
Figura 16 - Armazenamento de queijos de manteiga do Produtor D.....	57
Figura 17 - Trabalhador 1 do Produtor D inserindo o leite na desnatadeira.....	58
Figura 18 - Trabalhador 2 do Produtor D mexendo o leite no tacho	58
Figura 20 - Manteiga da terra do Produtor B.....	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEPEA- Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada

CGEE - Centro de Gestão e Estudos Estratégicos

CNA - Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil

CNBB - Confederação Nacional dos Bispos do Brasil

CPT - Comissão Pastoral da Terra

DAS - Secretaria de Defesa Agropecuária

FAO - Organização para a Alimentação e a Agricultura

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MST - Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PCB - Partido Comunista do Brasil

RIR - Regulamento do Imposto de Renda

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	AGRICULTURA FAMILIAR: HISTÓRICO DA QUESTÃO AGRÁRIA.....	17
2.1	Questão agrária no Brasil: colonização do território brasileiro.....	17
2.2	O conceito território como categoria de análise.....	20
2.2.1	<i>Reforma agrária e movimentos sociais no campo brasileiro.....</i>	21
2.3	Agricultura familiar como desdobramento da questão agrária no Brasil.....	24
2.4	O conceito de agricultura familiar.....	25
2.4.1	<i>Pequenos e médios produtores rurais.....</i>	27
2.4.2	<i>A produção de queijo e leite na agricultura familiar.....</i>	30
3	METODOLOGIA.....	33
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	35
4.1	As atividades produtivas sob a cadeia do leite e o queijo no Sítio Marias Pretas-Gado Bravo - PB.....	43
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
	REFERÊNCIAS.....	70
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE POSSÍVEIS PERGUNTAS APLICADAS DURANTE O QUESTIONÁRIO AOS PRODUTORES DO SÍTIO MARIAS PRETAS – GADO BRAVO - PB.....	74
	APÊNDICE B - ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO.....	75
	APÊNDICE C –RESPOSTAS DO PRODUTOR A.....	76
	APÊNDICE D – RESPOSTAS DO PRODUTOR B.....	78
	APÊNDICE E – RESPOSTAS DO PRODUTOR C.....	80
	APÊNDICE F – RESPOSTAS DO PRODUTOR D.....	82

1 INTRODUÇÃO

A questão agrária no Brasil é um tema complexo e multifacetado, enraizado na história do país desde o período colonial. A distribuição desigual de terras, a concentração fundiária e os conflitos agrários são aspectos centrais desse problema, que afeta milhões de brasileiros, especialmente os mais pobres e vulneráveis. Segundo Miralha (2005), [...] “a desigualdade social e a concentração fundiária tem marcado a sociedade brasileira e tem sua origem desde o processo de colonização portuguesa”. (MIRALHA,2006:152).

Partindo dessa perspectiva, o presente estudo versa sobre o processo de produção da agricultura familiar no Sítio Marias Pretas no município de Gado Bravo – PB, sobre a cadeia produtiva do leite e queijo, atividade essa que tem característica de completar a organização econômica da localidade em questão. A agricultura familiar é uma unidade de produção familiar que vem ganhando importância nos quesitos de geração de emprego, políticas públicas, reforma agrária, crédito rural e fornecimento de alimentos. Porém, sabe-se historicamente que isso faz parte de uma conjuntura que engloba a questão agrária e que é atrelado a concentração de terras e a marginalização dos pequenos produtores.

A segunda vertente de interpretação da agricultura familiar é a compreensão das raízes históricas da agricultura familiar, na qual estão inseridos no modo de produção camponês, conforme cita Wanderley (1999);

[...] guarda ainda muitos de seus traços camponeses, tanto porque ainda tem que enfrentar os velhos problemas, nunca resolvidos, como porque, fragilizado, nas condições da modernização brasileira, continua a contar, na maioria dos casos, com suas próprias forças” (WANDERLEY, 1999: 52).

Em consonância com o tema, Lamarche (1998);

[...] a agricultura familiar não é um elemento da diversidade, mas contém, nela mesma, toda a diversidade. Por exemplo, o produtor familiar pode produzir para o seu convívio familiar e subsistência, no modo camponês, não impedindo de ele produzir parcelas para o mercado. Ao somar estas funções a agricultura familiar toma uma nova identidade” (LAMARCHE, 1998: 18).

Então, conforme Lamarche (1998) a agricultura familiar é aquela que além de deter os meios de produção, está ligada à organização e execução das atividades produtivas e este modo de produção pode se integrar ao mercado.

O município de Gado Bravo no agreste paraibano apresenta aspectos diversificados em relação a produção leiteira, em consequência da falta de chuvas que afeta a localidade por vários meses no ano, com a adoção de conjuntos de atividades relacionadas a adaptações do manejo, cuidados com o fator nutricional do rebanho e à seleção genética para melhorar a produção de

leite no município, proporcionando mais oportunidade ao homem e ao sertanejo. O rendimento da produção do leite e do queijo e o preço elevado da ração dos animais, pode ser o fator prioritário para a falta de estímulo a esses produtores para que persistam na atividade.

É de praxe, essas famílias, se ocuparem de um trabalho muito peculiar no campo, que é a produção caseira do queijo para fins de consumo e de se agregar valores à renda familiar, porém, além das pequenas produções são integradas dentro da comunidade estabelecimentos que produzem e comercializam leite e derivados e que de certo modo são de uma proporção maior do que a agricultura familiar. Sendo assim, o objetivo da presente pesquisa é compreender a agricultura familiar no Sítio Marias Pretas, sobretudo no que se refere à produção do leite e do queijo considerando as técnicas e métodos.

De acordo com Marcolino e Salvador (2016) é visto que dentro da fábrica de laticínio 33,7% do leite disponível no país é transformado em queijos, isso vem ratificar a importância da pesquisa, onde o contexto não é conduzido para o processo de transformação do leite nas indústrias, mas para as casas de famílias. Entendemos que esse estudo traz uma contribuição para a geografia do município de Gado Bravo sobretudo para o Sítio Marias Pretas, compreendendo importância dos queijos artesanais e a possibilidade do crescimento desta atividade, tornando assim, esse setor válido para realizar um diagnóstico dessa produção, comercialização e consumo de queijos artesanais.

Analisando o processo de produção do Sítio Marias Pretas, em particular das grandes casas de produção de leite e queijo e as pequenas produções familiares, exemplificando um pouco da estruturação destas por volta do início do século XXI, utilizaremos estudos de autores como: Lamarche (1993-1998), Wanderley(1999), Abramovay (1992 – 1998), Raffestin (1978), Celso Furtado (1968-2007), Caio Prado Júnior (1976- 2011), Lima (2011), Oliveira (19812010), Fernandes (2000) que sempre analisaram a formação econômica brasileira e sobretudo dando destaque a importância da agricultura familiar.

Ao abraçar esse assunto, foi adotado métodos que buscaram respostas à indagação proposta. No qual, foi discutido através de questionários com pessoas que conviveram ou convivem em meio da atividade produtiva da agricultura, mas sobretudo a produção do leite e do queijo.

Desta forma, na nossa primeira parte foi apresentado uma breve discussão acerca dos aspectos de problematização, de hipóteses e justificativas que compõem o estudo da temática exposta.

No segundo momento foi feito uma revisão de pesquisas e discussões de outros autores que contribuíram para a pesquisa. As discussões foram pautadas a partir da organização da

agricultura familiar sob o ponto de vista cultural e econômico, a fim de compreender a organização dos produtores rurais do Sítio Marias Pretas.

Na última parte, foi apresentado um conjunto de caminhos que vão definir o campo da pesquisa. No mesmo percurso foi apresentado os resultados e discussões da pesquisa de campo.

2 AGRICULTURA FAMILIAR: HISTÓRICO DA QUESTÃO AGRÁRIA

A agricultura familiar sempre desempenhou um papel muito importante ao longo da história, não sendo apenas como uma forma de produção de alimentos, mas como fator determinante de assegurar as tradições culturais. Ao analisar os debates de desenvolvimento agrícola, notamos que esse setor, muitas vezes é negligenciado, de fato, é notório e essencial para a segurança alimentar e a coesão social em muitas regiões do Brasil.

Neste capítulo, discutimos em sua leitura alguns princípios históricos da questão agrária brasileira, isso reflete propriamente na agricultura familiar, na qual retoma os primórdios da civilização, quando comunidades agrícolas começaram a cultivar a terra para sustentar suas necessidades básicas. De acordo com Girardi (2008):

[...]a problemática da concentração fundiária e suas consequências sociais têm raízes profundas na história do Brasil, o mesmo, destaca que a estrutura agrária brasileira foi marcada pela concentração de terras desde o período colonial, perpetuada pela distribuição desigual de terras através de sesmarias e, mais tarde, pelas grandes propriedades latifundiárias que dominaram a paisagem rural, onde a questão agrária não se limita à posse da terra, mas envolve também a luta pela justiça social no campo e a garantia de direitos básicos para os trabalhadores rurais (GIRARDI, 2008,p.124).

Sendo assim, Girardi (2008) analisa os primórdios do período colonial brasileiro, marcado por injustiças sociais no campo, concentração de terras e má distribuição de terra por meio das sesmarias e, posteriormente, pela predominância dos latifúndios. Por esse cenário, será necessário abordar de forma sucinta no próximo item a questão agrária brasileira a partir da colonização.

2.1 Questão agrária no Brasil: colonização do território brasileiro

Uma categoria teórica que permite repensar os caminhos percorridos para chegar à construção da categoria agricultura familiar no período recente é a noção de “experiência”, caminho elaborado por Thompson (1981, 1987) para fazer a ligação entre o ser e a consciência, a transmutação da estrutura em processo. Segundo ele, as categorias sociais se constituem a partir da experiência concreta de sua produção enquanto agentes:

As pessoas experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura [...] das mais complexas maneiras e em seguida agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (THOMPSON,1981, p.182).

Segundo Thompson (1981) o uso dessa noção sugere que se parta de uma situação concreta (a existência de direitos, leis, organizações e reconhecimento público dos agricultores familiares) para investigar sua trajetória passada, o seu “fazer-se”, permitindo supor que essa situação concreta é fruto das lutas políticas travadas por indivíduos e atores sociais.

Ao promover o resgate da trajetória de formação dos grupos sociais que atualmente forma o que se denomina como a agricultura familiar no Brasil, perceberam -se, em diferentes momentos, disputas pela representação dos grupos de agricultores, suas visões de mundo e a definição das suas pautas de lutas e projetos políticos. Dessa forma, a definição atual da categoria agricultura familiar (e de outras que precederam, como camponês, trabalhador rural e pequeno produtor) é uma construção política produzida nos embates realizados em um “campo de forças (BOURDIEU 2005 apud PICOLOTTO 2022), em que atuam atores que se propõem a ser representantes dos agricultores em geral, ou de uma parcela deles, ao mesmo tempo que são construtores de modelos de exploração na agricultura e visões de mundo.

De acordo com Prado Jr. (2011):

[...] “o sentido da colonização brasileira, já se encontra o essencial do que precisamos para compreender e explicar a economia da colônia. Aquele “sentido” é o de uma colônia destinada a fornecer ao comércio europeu alguns gêneros tropicais ou minerais de grande importância: o açúcar, o algodão, o ouro...Vê- los- em todos, com pormenores, mais adiante. A nossa economia se subordina inteiramente a esse fim, isto é, se organizará e funcionará para produzir e exportar aqueles gêneros” (Prado Jr, 2011, p.123).

Segundo Prado Jr (2011) a base econômica colônia se respalda na exploração de gêneros, ou seja, de produtos, que são destinados para exportação e a organização dessa economia perdura até os dias atuais.

Prado Jr (2011) afirma que “[...] os fatores que vão determinar a estrutura agrária do Brasil colônia, a grande propriedade, monocultura, trabalho escravo, que são formas que se combinam e completam; e derivam diretamente e com consequência necessária daqueles fatores” (PRADO JR 2011, p.124)

Assim, Prado Jr (2011) afirma que os três fatores da estrutura agrária do Brasil vêm evidenciar a origem da questão agrária brasileira. A desigualdade social e concentração de terras permite repensar os caminhos percorridos para chegar à construção da categoria agricultura familiar.

Nessa perspectiva, Feliciano (2006) aponta que “[...]a forma de ocupar o espaço contribui para a formação de uma sociedade concentradora de terra e de renda. Desde o período colonial até recentemente, a concentração de terras explica o porquê da não concretização de uma real reforma agrária no Brasil” (FELICIANO 2006, p. 27).

Desse modo Feliciano (2006):

Com a implementação das capitâneas hereditárias e seus donatários (século XVI), as terras brasileiras foram distribuídas a nobreza portuguesa ou a quem proporcionasse serviços a Coroa. Logo após, os donatários implantaram o sistema das sesmarias, por meio do qual adquiriram o direito de repartir e distribuir parcelas de sua capitania a quem lhes interessasse, de preferência aqueles com intuito de explorar seus recursos naturais. Advém daí as origens de grande parte dos latifúndios no Brasil. (FELICIANO, 2006, p.27)

De acordo com Feliciano (2006), a estrutura que caracteriza o Brasil, é como um país de concentração de terras, poder político e econômico de quem a detém. Por sua vez, está enraizado que no primeiro momento as terras que eram concentradas passaram a ser de domínio privado.

Em 1850, com a lei de terras deu-se logo após a nossa independência. Em 1850, com a Lei de Terras ficou estabelecido o acesso a terra somente aqueles que tivessem dinheiro ou posses para adquirir-la. Essa medida já conjeturava o processo de “libertação” dos escravos. Dessa forma, libertou-se o escravo para escravizar o acesso a terra, impossibilitando que os trabalhadores negros/pobres tivessem também a possibilidade de algum benefício ou sobrevivência. (FELICIANO, 2006, p.27).

Desse modo, Feliciano (2006) afirma que a propriedade privada de terra é instalada no Brasil. Sendo assim, é notório que o crescimento do latifúndio se deu principalmente no processo de modernização da agricultura. Stédile (1997) em sua análise, aponta que a base desse modelo seria o desenvolvimento do capitalismo na agricultura brasileira, por meio dos latifúndios, isso se vincula com o processo de industrialização nas cidades, baseado nos investimentos de empresas multinacionais.

Segundo Miralha, (2005) no final do século XIX e início do século XX o país começou apresentar uma modesta industrialização e assim os industriais precisavam expandir o mercado de consumo interno para vender seus produtos, mas, a maior parte da população se constituía de trabalhadores das grandes fazendas de café que trabalhavam no regime de colonato que, não eram consumidores de produtos oriundos da indústria, pois não tinham a posse da terra e eram “presos” a uma grande propriedade.

O país vivia um segundo momento propício para a realização da reforma agrária, visto que os interesses dos industriais se chocavam com o dos grandes fazendeiros de café, surgindo no Brasil, então a oportunidade de a burguesia industrial entrar em um conflito com os grandes proprietários de terras e tentar promover uma reforma agrária para o desenvolvimento do capitalismo no país, pois a democratização do acesso à terra dinamiza a economia capitalista, pois inclui na economia produtores familiares que se tornam consumidores de produtos industriais e produtores de alimentos, que, se produzidos em grande quantidade tem seu preço no mercado reduzido, rebaixando assim o salário dos operários. (MIRALHA, 2005, p. 154).

Miralha (2005) afirma que havia um cenário favorável para a realização da reforma agrária, impulsionado pelo conflito de interesses entre a burguesia industrial e os grandes fazendeiros de café. A burguesia industrial via na reforma agrária uma oportunidade de

promover o desenvolvimento capitalista, ao democratizar o acesso à terra, o que poderia dinamizar a economia.

Fernandes (2003) possui a mesma visão, na qual ele observa a reforma agrária no Brasil como uma ação que não se restringe apenas a uma condição social, mas também como uma necessidade de expansão do capitalismo.

Já Oliveira (2010) aborda que o problema da terra é muito mais do que uma questão agrária, e está diretamente ligado ao poder e a desigualdade social. A concentração de terras não apenas impede o acesso de trabalhadores a base de sua subsistência, mas também gera um ciclo de pobreza e exclusão.

Sob esse viés, Oliveira (1981) afirma que entre a década de 1950 e 1960, começam aparecer no campo vários setores de trabalhadores rurais e movimentos sociais, como as Ligas Camponesas do Nordeste. Passaram a contestar a desigualdade social e a concentração de terras, onde pressionaram o governo para realizarem uma reforma agrária no Brasil.

Esse ponto de análise, no que se refere a reforma agrária e os movimentos sociais, será enfatizada em um tópico específico da presente pesquisa.

2.2 O conceito território como categoria de análise

O território é uma categoria de análise que incorpora várias dimensões: políticas, econômicas, culturais e simbólicas. Isso implica na compreensão da organização espacial de atividades econômicas e essa compreensão colabora para o entendimento dos espaços e de como se desenvolvem e se transformam no aspecto econômico. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço (RAFFESTIN, 1978, p.143).

Então, para Raffestin (1978) o ator seria um indivíduo ou grupo que realiza uma ação em qualquer nível, seja: local, regional ou nacional. Ao se apropriar de um espaço, esse indivíduo transforma o espaço em território, esse processo passa a ganhar um novo termo “territorialização”, esse espaço ganha significado e função a partir das atividades desse indivíduo.

Ainda de acordo com Raffestin (1978) é apontado que o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. Conforme o ator molda o espaço, isso se torna uma produção a partir do espaço, dessa forma passamos a definir a formação do território, pois a partir da produção, todas as relações que envolve, se inscreve em um campo de poder. Desse modo, a formação do território é determinada por essas relações de poder que organizam e definem o uso do espaço.

Ainda nesta ótica, Raffestin (1978) analisa a territorialidade e apresenta como um conceito multifacetado que pode ser abordado sob diferentes perspectivas. Em termos gerais, a territorialidade se refere à organização e controle de um espaço específico por um indivíduo ou grupo. Desse modo Raffestin (1978):

De acordo com a nossa perspectiva, a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do "vivido" territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens "vivem", ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas (RAFFESTIN, 1978, p.158).

Partindo desse ponto, para Raffestin (1978) as pessoas vivenciam o processo de criação e o resultado de território, através das relações seja relacionada a vida cotidiana e a identidade e produtivistas. Isso só evidencia que a territorialidade é multidimensional pois abrange fatores sociais e econômicos.

Já em Andrade (1995) conforme citado por Saquet (2011 p.12):

[...] o território é entendido como produto da ação e gestão do Estado, lançando mão do conceito de área para tentar revelar a importância desta atuação na formação do Brasil enquanto Estado nacional. "Há uma compreensão predominante do poder concretizado a partir das ações do Estado, no entanto, ele também reconhece o poder presente em outras relações sociais, o que significa um avanço considerável, ampliando a leitura e a compreensão do território combinando aspectos materiais e imateriais."

("ABORDAGENS E CONCEPÇÕES DE TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE - Academia.edu")

Dessa forma, para Andrade (1995) citado por Saquet (2011) o Estado ao exercer seu poder, molda diretamente o território e isso implica na influência da organização, mas também reconhece que o poder não está apenas nas ações do Estado, mas em outras relações sociais.

Por este raciocínio, existem regiões mais ou menos desenvolvidas que caracterizam o desenvolvimento regional de certo país. Essa dinâmica reflete como o desenvolvimento econômico pode ser impulsionado por atividades específicas, como a pecuária, que moldam a estrutura social e econômica da região. Assim, a análise das particularidades de Gado Bravo é fundamental para entender as relações entre os pequenos produtores.

2.2.1 Reforma agrária e movimentos sociais no campo brasileiro

Desde a colonização, ter acesso à terra é privilégio de poucos. Este sistema deu origem a grandes latifúndios e a exploração das terras em função de uma economia de exportação, no entanto, originou ainda as disputas, sob diferentes formas no decorrer da história do Brasil, pela posse e a propriedade da terra (TARGINO (2002) apud LIMA (2011)). No contexto de Gado Bravo, ao analisar o processo de construção e desenvolvimento do município, percebemos que

foi uma área marcada por muitas fazendas, logo isso, perpassa uma visão de que o acesso a terra para os pequenos agricultores é um fator muito importante (CABRAL, 2015).

A concentração de poder e recursos está diretamente ligada a Lei de Terras, que, ao estabelecer que a propriedade da terra só poderia ser adquirida por meio de compra, sempre favoreceu os grandes proprietários e dificultou o acesso dos pequenos agricultores à terra. De acordo com Lima (2011):

A Lei de Terras de 1850 se pautou em princípios meramente mercadológicos, ou seja, só poderiam adquirir terras públicas aqueles que por elas pudessem pagar. Por esse motivo, a lei foi mais um estopim para o conflito com os trabalhadores rurais e camponeses sem recursos para a compra (LIMA, 2011, p. 33)

Para Lima (2011) a Lei de Terras refletiu em diversas disputas e movimentos sociais que buscavam reivindicar a posse de terra e com isso melhoras a vida no campo. O instrumento concreto dessa reorganização fundiária chama-se Reforma Agrária.

Sob esse viés, Silva (1964) afirma que a reforma agrária é uma medida de justiça social, que busca corrigir as profundas desigualdades no campo, garantindo que ela cumpra sua função social. No estudo sobre a produção de leite e queijo, a abordagem de Silva (1965) reforça essa necessidade de garantir um suporte para esses produtores os produtores do Sítio Marias Pretas.

Foi visto que, diversos conflitos relacionados direta ou indiretamente à terra, eclodiram entre os séculos XIX e XX em várias regiões do território nacional. Mas, é entre 1955 e 1964, com o surgimento das Ligas Camponesas no Nordeste, a Reforma Agrária se torna prioridade na agenda política.

Partindo dessa afirmativa, Feliciano (2006) comenta sobre o debate da reforma agrária e os conflitos sociais da década de 1960 cresciam rapidamente, o que fez com que o governo militar procurasse enfraquecer e refrear os movimentos sociais.

Para Medeiros (2006) citado por Lima (2011) o debate sobre a Reforma Agrária quando surgem as Ligas Camponesas forma parte de uma ampla discussão sobre as perspectivas de transformação econômica, política e social do Brasil. Ainda mais, Medeiros (2006) analisa As Ligas Camponesas, como uma forma de mobilizarem trabalhadores rurais em busca de direitos.

Já Lima (2011) argumenta que a redemocratização do País em 1946, houve o processo de reorganização dos trabalhadores rurais. Inicialmente, o Partido Comunista do Brasil (PCB) teve uma importantíssima atuação, organizando trabalhadores rurais e camponesas em ligas e, em seguida, em sindicatos rurais.

Por fim, Targino (2002) citado por Lima (2011) a terceira e última fase na periodização sugerida, inclui tanto os períodos de resistência a ditadura militar e redemocratização do país, quanto os movimentos de luta pela terra e pela Reforma Agrária foram organizados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB);

e pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), como a ação destes na atualidade. A análise dessa fase é crucial para a pesquisa, pois ela ilustra como os movimentos agrários no Brasil evoluíram e se adaptaram às condições políticas e sociais ao longo do tempo.

Outro viés, Feliciano (1980) aponta a reforma agrária como não apenas a distribuição da terra, mas a democratização do acesso a recursos produtivos e ao poder econômico. Ela deve ser como parte de um processo de transformação social, onde o trabalhador rural passa a ser sujeito de sua própria história, capaz de produzir.

Sobre as propostas de Reforma Agrária Prado Jr (2001) citado por Delgado (2001):

Trata-se de um lado da extensão da legislação social-trabalhista para o campo, isto é, de proporcionar ao trabalhador rural proteção legal adequada que lhe assegure melhores condições de vida, tal como vem sendo praticado de vinte e tantos anos para cá, com relação ao trabalhador urbano da indústria e do comércio. De outro lado prevê-se a modificação da estrutura da propriedade fundiária no sentido de corrigir a extrema concentração que caracteriza essa propriedade, a fim de proporcionar aos trabalhadores rurais maiores oportunidades de acesso à posse e utilização de terra em provento próprio (PRADO JR., 1962, 89-90, apud DELGADO, 2001, p. 159).

Prado Jr (1962) conforme Delgado (2001) aborda dois aspectos centrais da luta pela reforma agrária no Brasil: a proteção social e trabalhista para o trabalhador rural e a necessidade de modificação da estrutura fundiária.

Sendo assim, os movimentos sociais de luta pela terra, principalmente o MST, com o apoio da CPT, seguiram crescendo e se expandido pelo território nacional. Assim, em 1990 o MST atinge uma repercussão nacional com ocupações de várias fazendas (Miralha, 2005).

De acordo com Lima (2011):

Sem sombra de dúvidas, atendendo aos relatórios de conflitos publicados anualmente pela CPT, o MST foi durante a década de 1990 a forma como a classe trabalhadora unida no campo e na cidade, conseguiu impulsionar o processo de desapropriação de terras para fins de Reforma Agrária (LIMA, 2011, p. 47).

Lima (2011) destaca o papel central do MST durante a década de 1990 como uma força que impulsionou a reforma agrária no Brasil. Essa atuação da reforma agrária foi marcada por ações diretas, incluindo ocupações de terras improdutivas, que chamaram a atenção para a reforma agrária e confrontaram o poder econômico das elites fundiárias.

Ao relacionar essa força de mobilização com o Sítio Marias Pretas, embora o sítio não tenha surgido diretamente das ações do MST, porém, os pequenos e médios produtores locais se beneficiam das conquistas obtidas por esse movimento, como o reconhecimento da importância de se garantir terra para quem trabalha.

Sob esse viés, Stédile (2002) afirma que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) se consolidou como a maior organização social de luta pela reforma agrária no Brasil, demonstrando capacidade de mobilização e resistência ao longo dos anos.

A Comissão Pastoral do Trabalhador (doravante CPT) também é tida como fator fundamental na luta pela reforma agrária e pela defesa dos direitos dos trabalhadores rurais no Brasil. Desde sua fundação em 1975, a CPT tem atuado como uma voz coletiva que denuncia as injustiças sociais e agrárias, documentando conflitos e promovendo a conscientização sobre a realidade das comunidades rurais (BARAÚNA, 2009, p.37). Baraúna (2009), desse modo, mostra como a CPT e suas práticas ressoam com a realidade local, onde os pequenos e médios produtores também enfrentam desafios semelhantes em sua busca por dignidade no campo.

A análise feita de forma sucinta sobre a Reforma Agrária, representa na pesquisa um eixo muito importante, e simboliza uma representação de transformações para o campo brasileiro, no qual é essencial para compreendermos toda conjuntura do entrave da pesquisa.

2.3 Agricultura familiar como desdobramento da questão agrária no Brasil

A agricultura familiar surge como um desdobramento essencial da questão agrária no Brasil, particularmente no contexto de uma longa história de desigualdade na distribuição de terras. No caso do Sítio Marias Pretas, a posse da terra por pequenos e médios produtores se revela como uma resposta direta a essas injustiças históricas. A agricultura familiar constitui-se em um dos elementos centrais da questão agrária no Brasil, representando não apenas uma forma de organização produtiva, mas também uma resposta social às históricas desigualdades fundiárias, promovendo a integração entre trabalho, terra e identidade social (ABRAMOVAY, 1992, p.73)

Abramovay (1992) aponta que esses pequenos produtores têm encontrado nas suas propriedades não apenas uma fonte de sustento, mas também uma forma garantir que as tradições enraizadas desde suas gerações anteriores sejam reproduzidas no contexto atual. Ao valorizarem e desenvolverem suas próprias terras, os moradores do Sítio Marias Pretas estão, de certa forma, corrigindo as distorções históricas da concentração fundiária.

Sendo assim, segundo Karnopp (2003) citado por Silva (2010), a agricultura familiar é responsável pela produção de 80% dos alimentos consumidos no Brasil e ainda afirma que as agriculturas familiares compõem um importante segmento produtivo, ocupando uma área de 25% das terras agrícolas do Brasil. Conforme dados da FAO/ INCRA, em 1996, havia no país 7 milhões de estabelecimentos rurais. Destes estabelecimentos, 6,5 milhões eram ocupados por agricultores familiares, com mais de $\frac{3}{4}$ da população rural.

Conforme Silva (2010) na pequena propriedade rural, para os que tem a posse da terra e trabalham nela, bem como nas pequenas extensões rurais, nas quais atuam também os trabalhadores assalariados, que, por não terem a posse da terra, vendem a sua força de trabalho a agricultores familiares, preconiza-se a utilização da mão de obra familiar, como característica dessa prática, fomentando-se a perpetuação de um ciclo de produção agrícola, centrando nos laços de parentesco, entre a maioria dos trabalhadores rurais.

De acordo Navarro (1997) a questão agrária no Brasil evidenciou a necessidade de um modelo de desenvolvimento rural que incluísse os pequenos produtores, levando ao fortalecimento da agricultura familiar como eixo central das políticas públicas agrárias.

Nesta mesma perspectiva, Graziano (1998) elenca o reconhecimento da agricultura familiar como um desdobramento da questão agrária e que é essencial para entender a dinâmica rural brasileira, onde a posse da terra está profundamente ligada à sobrevivência e à identidade cultural das famílias camponesas. Isso é crucial para entender as complexidades do meio rural no Brasil, especialmente em locais como o Sítio Marias Pretas (*lócus* dessa pesquisa), na qual os produtores rurais dependem fortemente da posse da terra para a sua subsistência e para manter suas tradições culturais, e se desenvolverem economicamente.

2.4 O conceito de agricultura familiar

De acordo com Schneider (2003) a agricultura familiar possui uma visão de conjunto e pode ser definida como uma unidade de produção dirigida pelo próprio dono da terra, apresentando muita integração entre o trabalho e a gestão dos estabelecimentos. Este tipo de produção tem foco na diversificação de produtos e a utilização de práticas e técnicas.

Conforme Graziano (1998) afirma que a agricultura familiar não é entendida como trabalho familiar. A forma de exploração agrícola familiar pressupõe uma unidade de produção onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família.

E para ser mantido o caráter familiar da produção é exigido a presença, de ao menos um membro da família, que combine as atividades como de administrador da produção com a de trabalhador, para Abramovay (1997):

A agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho, vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento. Que esta definição não seja unânime e muitas vezes tampouco operacional. É perfeitamente compreensível, já que os diferentes setores sociais e suas representações constroem categorias científicas que servirão a certas finalidades práticas: a definição de agricultura familiar, para fins de atribuição de crédito, pode não ser exatamente a mesma daquela estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico. O importante é que estes três atributos básicos (gestão, propriedade e trabalho familiar) estão presentes em todas elas. (ABRAMOVAY, 1997, p.3).

Com base nas postulações de Abramovay (1997) o trabalho agrícola realizado por um ou outros indivíduos da unidade familiar pode desempenhar diferentes funções de acordo com a lógica da dinâmica de reprodução social da unidade familiar. Segundo Lamarche (1994, p.19):

Os agricultores organizam suas estratégias, vivem suas lutas e fazem suas alianças em função destes dois domínios: a memória que guardam de sua história e as ambições que têm para o futuro. Suas chances de atingir o modelo ideal, ou simplesmente de se aproximar dele, dependerão da complementaridade de seu projeto junto ao que a sociedade elaborou para eles. (LAMARCHE,1994, p.19)

Lamarche (1994) afirma que os agricultores organizam suas estratégias, enfrentam desafios e constroem alianças com base em dois domínios principais: a memória de sua história e as ambições para o futuro. No contexto da cadeia produtiva do leite e do queijo, a análise dos quatro pequenos e médios produtores que responderam ao questionário revela como, apesar de todos seguirem a mesma linha de produção, cada um possui suas próprias especificidades. Embora que estejam inseridos dentro da mesma cadeia produtiva, existem elementos que pode se distinguir uma das outras. Segundo Lamarche (1993, p.24):

A exploração familiar deve ser analisada em seu conjunto, ou seja: tendo em conta diversas entidades que a estruturam. Compreender seu funcionamento significa colocar em evidência as diferentes lógicas em função da qual o agricultor determina suas escolhas fundamentais. Estas lógicas se definem em relação a um determinado número de sistemas. (LAMARCHE, 1993, p.24)

Essa perspectiva de Lamarche (1993) pode ser integrada a forma de produção dos produtores do Sítio Marias Pretas que exemplifica como pequenos e médios produtores conseguem preservar a identidade cultural através da organização familiar de produção, e que desafia a ideia de que essa forma de agricultura é um setor atrasado. Isso revela o potencial da agricultura familiar e torna-se um modelo para o desenvolvimento do campo brasileiro, refletindo um desdobramento positivo da questão agrária.

Segundo Abramovay (1992, p.19):

A agricultura familiar não é um fenômeno tão generalizado que não pode ser explicada pela herança histórica camponesa, de fato, em alguns casos existentes, na verdade, o Estado foi determinante na moldagem da atual estrutura social do capitalismo agrário das nações centrais. Uma agricultura familiar, altamente integrada ao mercado, capaz de incorporar os principais avanços técnicos e de responder às políticas governamentais não pode ser nem de longe caracterizada como camponesa. (ABRAMOVAY, 1992, p.19)

Abramovay (1992) obtém uma percepção concreta de que uma agricultura familiar sempre é associada a pequenos agricultores, e o tamanho limitado das propriedades é uma das principais limitações para o crescimento desse setor. Muitas propriedades familiares são consideradas minifúndios, com tamanhos que dificultam a sobrevivência e o desenvolvimento adequados das famílias que os administram.

Nesse contexto, a escolha de classificar os agricultores como pequenos e médios produtores vai além de uma questão de conveniência para a discussão, isso pode ser refletindo também a complexidade. Essa classificação permite uma análise mais precisa da importância da cadeia produtiva do leite e queijo e as dificuldades e enfrentados por esses agricultores. Por isso, decidimos denominar o próximo item como Pequenos e Médios Produtores.

2.4.1 Pequenos e médios produtores rurais

Os pequenos e médios produtores rurais desempenham um papel vital na agricultura e no desenvolvimento econômico de muitos países, incluindo o Brasil. Eles são fundamentais para a produção de alimentos, a geração de empregos.

De acordo com a Revista Pegada – vol. 18 n.3 (2017) apontou que aqueles que se distinguem do pequeno produtor camponês, são responsáveis por valores brutos da produção brasileira na ordem de 99,5% do algodão, 95,4% da cana-de-açúcar, 92,0% da laranja, 84,4% da fruticultura, 80,1% da batata, 79,2% dos grãos (92,7% do sorgo, 91,2% da soja, 87,7% do trigo, 75% do arroz, 68,3% do milho, 63,4 do feijão de cor), de 77,5% do café e 61,9% horticultura (CNA¹, 2010).

Em contrapartida, o agronegócio brasileiro mantém sua abordagem, incorporando modos de produção e técnicas com o objetivo principal de atender às demandas de exportação. O agronegócio é concebido como a personificação das necessidades de reprodução do capitalismo. Simboliza a competitividade sistêmica. Abrange todos os agentes direta ou indiretamente envolvidos com a atividade agrícola e agroindustrial. Exige de todos uma postura de mercado e uma cultura empresarial (RODRIGUES, 1997 apud BRUNO,2016).

Para Bruno (2016) ainda temos o empresário do agronegócio e o empreendedor familiar rural como personagens da estrutura social no campo. O pequeno agricultor familiar voltado para a subsistência desaparece da classificação elaborada pelas elites agroindustriais como se ele não fizesse parte da realidade do campo brasileiro. O agricultor de subsistência vai juntar-se ao trabalhador rural que em nenhum momento fez parte da classificação sobre a estrutura social no campo.

Segundo Maranhão e Vieira Filho (2016) o Brasil atende o mercado interno com 80% da sua produção e exporta o excedente para mais de 180 países, ocupando papel de destaque no cenário internacional de produtos agropecuários. Os maiores parceiros comerciais são a União Europeia, a China, os Estados Unidos, o Japão, a Rússia e a Arábia Saudita (CGEE², 2014). O

¹ Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil

² Centro de Gestão e Estudos Estratégicos

setor que mais contribuiu para a obtenção de divisas foi a cadeia do agronegócio. Em 1994, o PIB do agronegócio foi estimado em R\$904 bilhões e, em 2013, esse valor atingiu R\$1,3 trilhão (Cepea³, 2015). O saldo do comércio internacional do agronegócio (exportações menos importações) passou de aproximadamente US\$ 11 bilhões, em 1989, para US\$ 82,9 bilhões em 2013. Em 2013, a balança comercial brasileira apresentou saldo de apenas US\$ 2,6 bilhões, tornando-se negativo em 2014.

O Pequeno e Médio produtor rural presente na economia brasileira ocupa a maior parte de toda a mão-de-obra rural e uma posição de destaque em relação a tudo que é produzido no campo. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário (2005-06), até 2003, a agricultura familiar ocupava 84% dos estabelecimentos agrícolas, atingindo pouco mais de quatro milhões de estabelecimentos e empregando 77% da mão-de-obra disponível no campo.

Segundo a legislação do imposto de renda nos artigos 58 a 71 do RIR⁴/99, produtor rural é pessoa física ou natural que explora atividades agrícolas e pecuárias, a extração e a exploração vegetal e animal a exploração de apicultura, da avicultura da suinocultura, da sericultura, da piscicultura e outras criações de pequenos animais. Inserem-se também nesse contexto os produtos agrícolas ou pecuários que são transformados sem ocorrer alteração na composição.

A legislação do imposto de renda das pessoas físicas ressalta ainda que as atividades do produtor rural devem ser executadas pelo próprio agricultor ou criador, com auxílio de máquinas e equipamentos exclusivos da atividade rural. De acordo com Fernandes (2001):

A formação do campesinato acontece simultaneamente pela exclusão/inclusão das condições de realização do trabalho familiar, criação/destruição/recriação das relações sociais como a propriedade camponesa, a posse, o arrendamento, a meação e a parceria. Ao mesmo tempo em que o capital destrói o campesinato em um lugar ele recria em outro. Ou no mesmo lugar em outro tempo (FERNANDES, 2001, p. 30-1).

À medida que o capital transforma e, por vezes, destrói as formas tradicionais de produção camponesa em um local ou período, ele acaba por recriar essas mesmas formas em outro local ou em outro tempo. Essa análise crítica contribui para a compreensão de como as relações de produção camponesa são moldadas e reconfiguradas pela lógica do capital ao longo do tempo.

Para Scolese (2005) conforme citado por Carvalho (2015) o conceito de agricultura familiar é relativamente recente, pelo menos no Brasil. Antes disso, falava-se em pequena produção, pequeno agricultor e, um pouco antes, ainda se utilizava o termo camponês. Em linhas gerais, os empreendimentos familiares têm duas características principais: eles são

³ Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada

⁴ Regulamento do Imposto de Renda

administrados pela própria família; e neles a família trabalha diretamente, com ou sem o auxílio de terceiros (MARTINS, 1981 apud CARVALHO, 2015).

Dessa forma, antes da popularização do termo agricultura familiar, utilizavam-se expressões como pequena produção e pequeno agricultor, e, anteriormente, camponês. A principal característica desse tipo de empreendimento é que ele é administrado pela própria família, que também executa o trabalho diretamente, podendo ou não contar com ajuda externa.

No contexto dos pequenos e médios produtores do Sítio Marias Pretas, essa definição de agricultura familiar se aplica diretamente. No Sítio, os empreendimentos são geridos por famílias que estão ativamente envolvidas no trabalho diário, como a produção de leite e queijo. Essas famílias dependem de sua própria força de trabalho, o que reforça o conceito de agricultura familiar, onde a gestão e a execução das atividades agrícolas são feitas em grande parte pelos próprios membros da família.

Para Oliveira (2001) citado por Carvalho (2015) a gestão é familiar e o trabalho é predominantemente familiar. Podemos dizer, também, que um estabelecimento familiar é, ao mesmo tempo, uma unidade de produção e de consumo; uma unidade de produção e de reprodução social. Ele argumenta que esse tipo de estabelecimento funciona simultaneamente como uma unidade de produção e consumo, o que significa que a família não só produz os bens, mas também os consome. Além disso, é uma unidade de reprodução social, pois a atividade agrícola sustenta a continuidade e a sobrevivência da família ao longo do tempo, garantindo a transmissão de valores, conhecimentos e recursos entre as gerações.

Lamarche (1998), é outro pensador que defende a ideia da agricultura familiar, porém reconhece a existência da agricultura camponesa de forma mais autônoma do mercado e mais empobrecida. A agricultura familiar se define para este autor pela forma como se organiza e pela sua integração à economia de mercado. Definindo assim, a sua existência a sua capacidade de gerir “o apego a seus valores tradicionais, o projeto que ele tem para si próprio e para sua família e as limitações ligadas a seu ambiente imediato (meio natural, condições econômicas, sociais e políticas)”. (1998, p. 62). Ao associar essa perspectiva às produções do Sítio Marias Pretas, podemos observar que os pequenos e médios produtores dessa região exemplificam o modelo de agricultura familiar descrito por Lamarche. Esses produtores não só organizam suas atividades agrícolas com base nos valores e tradições familiares, mas também se esforçam para integrar-se ao mercado, garantindo a viabilidade econômica de suas produções de leite e queijo.

Dentro do projeto familiar, Lamarche (1998), define estes aspectos como mais importante: a terra, o trabalho e a reprodução familiar. O aspecto integração ao mercado, remete o autor a dependência tecnológica. As técnicas utilizadas, variam de país para país ou de realidades diferentes. Associando esses aspectos aos produtores do Sítio Marias Pretas, a terra

é um recurso central para os pequenos e médios produtores. Ela não só fornece o espaço físico para a produção de leite e queijo, mas também representa um legado familiar e um elemento de identidade cultural.

O trabalho no Sítio Marias Pretas é predominantemente familiar, alinhando-se ao conceito de agricultura familiar discutido por Lamarche (1993). As famílias não apenas gerem suas propriedades, mas também realizam as atividades diárias, como o manejo do gado e a produção de queijo. A continuidade das práticas agrícolas e a transmissão de conhecimentos e valores entre as gerações são aspectos-chave no Sítio Marias Pretas.

2.4.2 A produção de queijo e leite na agricultura familiar

Menezes (2011) ao analisar as atividades e as transformações no espaço rural é chamado atenção aos aspectos econômicos como a análise dos fluxos, fixos, mercados e redes de comercialização. Dessa forma, podemos pensar em como a cadeia produtiva do leite e queijo no Sítio Marias Pretas está inserida em um contexto mais amplo de redes de comercialização e mercados, o que é essencial para compreender as transformações econômicas e sociais no espaço rural.

Ainda sob essa perspectiva, Menezes (2011) afirma que, as atividades artesanais existentes e alguns produtos estão envolvidos por simbolismos, isto é, por um valor cultural não mensurável, ligando os homens ao espaço tomado como seu território; essa informação não pode ser relegada e compete atentar para esse fator na análise em foco.

O espaço rural conforma um universo heterogêneo, abarcando distintas práticas. Entre elas, a agricultura familiar desempenha um importante papel na produção de alimentos, na criação de outras funções artesanais e comerciais, bem como na apropriação simbólica do espaço, transformando-o em território (MENEZES, 2011, p.42).

Isso vem destacar a complexidade e a diversidade presentes no espaço rural, onde a agricultura familiar se sobressai como uma prática central. Esse tipo de agricultura não apenas contribui significativamente para a produção de alimentos, mas também para a manutenção de práticas artesanais e comerciais, muitas vezes enraizadas em tradições locais. Além disso, ao se apropriar simbolicamente do espaço, a agricultura familiar transforma o espaço rural em um território, ou seja, em um lugar carregado de significados culturais e sociais que refletem a identidade e as tradições das comunidades envolvidas.

Segundo Calvacanti (2017), o queijo de coalho é um produto tipicamente nordestino e muito popular, amplamente consumido pela população local, seja na forma natural, assado ou frito, como também muito utilizado em preparações culinárias, sendo, atualmente, muito difundido em todo o território, com destaque para o Estado da Paraíba. A produção de leite e

queijo no Nordeste brasileiro é fundamental para a economia, sociedade e cultura da região. Esta atividade sustenta muitos pequenos e médios produtores rurais, gerando empregos diretos e indiretos em várias etapas da cadeia produtiva, desde a criação do gado até a comercialização dos produtos. Economicamente, a venda de leite e queijo movimenta o comércio local, reinvestindo renda nas comunidades e impulsionando o desenvolvimento regional.

Culturalmente, produtos tradicionais como o queijo coalho são símbolos da identidade nordestina, preservando práticas artesanais passadas de geração em geração. Para Saraiva et. al., (2012), citado por Abreu (2020):

O queijo é visto como um alimento processado que remonta desde a antiguidade, sendo que o ambiente onde é fabricado possui uma alta significância para a qualidade do produto. Na produção de queijos, podem ser gerados resíduos que possuem características físico-químicas que podem ocasionar impacto ambiental e na saúde do consumidor. (SARAIVA et.al, 2012 apud ABREU 2020, p.03).

O queijo é um alimento processado cuja produção remonta à antiguidade, com técnicas que têm sido aperfeiçoadas ao longo dos séculos. A qualidade do queijo depende significativamente do ambiente onde é fabricado, incluindo fatores como a qualidade do leite, as condições higiênicas da produção e o clima local. Estes elementos são cruciais para garantir um produto seguro.

De acordo com Calvacanti (2017) as características sensoriais que o queijo de coalho do Estado da Paraíba apresenta estão de acordo com a Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA) do Ministério da Agricultura, através do Regulamento Técnico de Identidade e Qualidade de Queijo de Coalho, Instrução Normativa nº 30 de 26/06/2001 (Brasil, 2001), a qual define este produto como um queijo de consistência semidura e elástica, com textura compacta e macia, podendo apresentar algumas olhaduras. Apresenta cor branca amarelado uniforme, sabor brando, ligeiramente ácido, podendo ser salgado, com aroma, também ligeiramente ácido, que lembra massa de queijo coagulada. Este produto possui forma cilíndrica ou retangular, e no comércio são encontradas embalagens com peso entre 0,5 e 1,5 kg, com massa fresca ou curada, semi-cozida ou cozida, condimentado com especiarias como orégano, alho e pimenta

Segundo Kosikowski (1970) apud Abreu 2020, “[...]o processamento do queijo, contribuiu significativamente para que houvesse um crescimento da civilização, pois garantiu como alimento, uma rica fonte de nutrientes em períodos de fome, tornando assim um alimento desejável na dieta humana”. Com isso, o processamento do queijo teve um impacto significativo no crescimento da civilização. Além disso, a transformação do leite em queijo permitia a sua conservação, crucial em épocas e regiões sem tecnologia de refrigeração.

Do ponto de vista de Paula et. al., (2009), citado por Abreu (2020), produzir queijo, consiste em concentrar os componentes sólidos do leite através do processo de coalha. Esse

processo, possui como objetivo, separar os macronutrientes como gordura e proteína, formando assim uma massa semissólida. Desse modo, por Paula (2009) a produção de queijo envolve a concentração dos componentes sólidos do leite através do processo de coagulação. A coagulação é fundamental para transformar o leite líquido em uma estrutura sólida que pode ser moldada, curada e maturada, criando o queijo. Este processo não apenas preserva os nutrientes do leite, mas também os concentra, Produtos de origem artesanal, são indicadores de cultura de uma região, construindo uma história que é passada para as gerações, na qual, agregam-se valores e tradições que enriquecem a identidade da culinária típica sociocultural.

Dentro da cadeia produtiva do leite, o queijo é um produto de grande importância. O queijo é um produto lácteo que pode ser produzido em grande variedade de sabor e forma, sendo consumido em todo o mundo (Paula; Carvalho; Furtado, 2009 apud Gomes 2022, p. 05). Isso destaca que o queijo dentro da cadeia produtiva é um produto diversificado e amplamente consumido. A variedade de queijos existentes em sabor, textura e formas de produção permite que ele se adapte a diferentes culturas e preferências, o que contribui para sua popularidade.

A produção associada à economia de subsistência, pois quase todos tinham acesso ao queijo para consumo de suas famílias e agregados Calvacanti (2017). Isso significa que a produção é voltada principalmente para o consumo das famílias e dos agregados locais, essa característica reforça a importância da agricultura familiar no Sítio Marias Pretas, evidenciando como os pequenos e médios produtores mantêm práticas tradicionais que garantem a alimentação e a reprodução social dentro da comunidade.

3 METODOLOGIA

Essa pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem descritiva e qualitativa, que exige "o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação investigada, geralmente através de um trabalho intensivo de campo" (LUDKE, 1986, p.11 apud Brito, 2020, p.2020).

Segundo Oliveira (2002) e Mol (2017), citado por Brito (2020), um estudo qualitativo visa analisar, refletir, compreender ou interpretar contextos sócio-históricos e culturais em diversas dimensões temporais e condicionais, seja sobre indivíduos ou grupos. Além disso, busca propor alternativas que promovam o desenvolvimento de capacidades e estimulem o pensamento crítico, levando a opiniões e posicionamentos conscientes que permitam entender a realidade e o mundo ao redor.

Desse modo, a pesquisa qualitativa tem como objetivo central promover melhores condições de vida aos sujeitos sociais. Nesse sentido, conduzir uma investigação socialmente relevante exige do pesquisador "uma postura ética fundamental para a descrição dos fatos, considerando que estes têm seus valores e crenças pessoais que podem influenciar o fenômeno estudado" (LIRA, 2019, p.42 apud Brito, 2020, p.70).

Lira (2019) apud Brito (2020) também destaca que o pesquisador, ao atuar no campo, deixa de ser um sujeito neutro cientificamente, pois os conhecimentos que os participantes possuem são valiosos para a pesquisa. Assim, a relação entre pesquisador e participantes deve manter um equilíbrio ético e objetivo para garantir a qualidade da pesquisa.

A nossa investigação se deu em três etapas principais:

Na **primeira**, traçamos uma linha de estudo baseada em literatura científica que fundamentou teoricamente a estruturação da coleta de dados empíricos. Para isso, recorremos a estudos que abordam a realidade sócio-histórica e cultural dos sujeitos, identificando elementos do cotidiano que contribuam para uma apropriação geográfica alinhada às suas necessidades.

Na **segunda etapa**, organizamos os instrumentos para a coleta de dados não-científicos, que incluiu a aplicação de quatro questionários com produtores de queijo no município de Gado Bravo – PB. O roteiro das perguntas pode ser encontrado no apêndice desta pesquisa. Além disso, realizamos observações, anotações e registros fotográficos que enriqueceram os dados e contribuíram para a análise subsequente.

Os dados coletados foram cruciais para responder à questão inicial do estudo, permitindo uma análise mais aprofundada. Nessa fase, foi possível compreender o processo produtivo dos produtores rurais do Sítio Marias Pretas e como essas práticas refletem e, ao

mesmo tempo, ajudam a construir e ressignificar o território do município. Esses processos evidenciam que o conceito de território transcende o espaço físico, integrando as relações culturais, sociais e econômicas que emergem do trabalho agrícola e da interação com o ambiente local.

Por fim, **na terceira e última etapa** da pesquisa, nos dedicamos à análise e discussão dos dados coletados na fase anterior. Os resultados dessa análise são apresentados no próximo capítulo, onde abordamos as observações e percepções que surgiram ao longo de todo o processo investigativo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para coleta de dados na pesquisa, nos valem do poder de observação e de alguns relatos feitos por quatro produtores do queijo artesanal, em base de algumas indagações colocadas por meio de questionários. Os instrumentos de coleta foram as anotações dos próprios produtores. Quatro das coletas foram realizadas no sítio Marias Pretas zona rural do município de Gado Bravo – PB.

Para garantir consistência na análise dos dados coletados e preservar informações contingentes, decidimos referir-nos aos produtores pesquisados como A, B, C e D. Inicialmente, destacaremos algumas particularidades de cada sujeito pesquisado, de forma a ressaltar elementos que possam enriquecer a análise ao longo do estudo.

A começar pelo **Produtor A (Apêndice C)** que tem 41 anos de idade, é casado, tem dois filhos. Ele afirmou que desde criança ajudava seus familiares com as produções incluindo o queijo de coalho, e que o vínculo com os produtos se deu em virtude disso.

O **Produtor B (Apêndice D)**, por sua vez, nos relatou que possui 44 anos de idade, é casado, tem 2 filhos e disse que aprendeu todas as atividades rurais com sua família, sendo esta atividade responsável por auxiliar na subsistência de sua família.

O **Produtor C (Apêndice E)**, essa nos contou que possui 38 anos de idade, é casada, tem 1 filho e assim como os outros, também trabalha com atividades de produções no campo e produção de queijos, e aprendeu desde jovem, quando ajudava seus pais a o produzirem.

E pôr fim ao **Produtor D (Apêndice F)**, essa nos contou que possui 50 anos de idade, é casada, tem dois filhos e trabalha com o queijo de manteiga desde que se casou, pois o marido sempre teve sua renda a partir das produções de queijo de manteiga.

Os sujeitos pesquisados são trabalhadores rurais que encontraram na criação de gado leiteiro uma forma de sobrevivência, através da produção artesanal do queijo de coalho que é o foco de nossa pesquisa. Além da criação do gado leiteiro, criam também suínos. Ademais, tratam também de animais para o abate, que na maioria dos casos são comercializados dentro do próprio município.

Outra atividade que contribui para a subsistência desses trabalhadores é a produção agrícola, com foco em culturas de plantio como: milho e feijão, que tradicionalmente são destinados ao consumo familiar. Essa prática, transmitida por gerações de família em família, porém, essas produções só acontecem durante o período de inverno, quando as chuvas são mais frequentes e garantem o crescimento das plantações.

Com relação à produção artesanal do queijo de coalho, considerando os aspectos de como aprendeu esse processo atentamos ao que traz o **Produtor A**, ao ser indagado sobre essa

questão: “*eu apendi com meus familiares, com meus pais, desde sempre investi na produção de milho, feijão, criação de animais e produção de queijo coalho, daí tiro meu sustento para mim e minha família*”.

Essa afirmação dada pelo **Produtor A**, evidencia que o aprendizado do processo de fabricação do queijo de coalho está ligado ao saber familiar, passado de geração em geração. Resta-nos, então, averiguar se no exercício dessa atividade, e que seja condizente com alguma situação que envolva o uso da categoria geográfica “território”. De acordo com, Menezes (2011):

O significado de ações que perpetuam atividades, atributos culturais e as transformações existentes nas referidas atividades e no meio rural. Nessa investigação, deparou-se com a pecuária, uma herança cultural que permeia a identidade nordestina e persiste como primordial atividade econômica em determinados territórios (MENEZES, 2011, p.42).

O território, nesse contexto, vai além de uma simples área geográfica; ele engloba as relações sociais, culturais e produtivas estabelecidas ao longo do tempo. A diversificação das atividades, como o cultivo de milho, feijão, a criação de animais e a produção artesanal do queijo de coalho, demonstra como o território é utilizado de forma integrada e multifuncional para garantir a subsistência. O saber-fazer herdado, enraizado no território, reforça a identidade e a autonomia dos pequenos produtores, evidenciando que as práticas tradicionais são parte essencial da dinâmica rural.

O **Produtor B** relatou que “*desde 16 anos de idade, que ajudava meu pai e minha mãe, criando gado, tirando leite, fazendo queijo, trabalhando no roçado e hoje tiro o sustento da minha família com essas produções*”. Desse modo, as experiências relatadas pelos **Produtores A e B** mostram uma interseção entre a preservação das práticas tradicionais e a adaptação às condições contemporâneas. Ambas as perspectivas evidenciam a importância da continuidade do conhecimento familiar e da integração dessas práticas produtivas para garantir sua renda econômica.

O **Produtor C** relatou apenas que “*ao longo do tempo fui requerendo esses produtos, investindo e se tornou minha fonte de renda*”. Já o **Produtor D** “*Profissão que herdei dos meus pais*”. Essas perspectivas mostram que, enquanto a evolução e o investimento permitem que as práticas se adaptem, a herança cultural preserva a identidade e a continuidade das atividades.

No que tange as produções acerca da terra, o cultivo de milho e feijão e as técnicas de produções do **Produtor A**:

Preparo a terra para o cultivo do feijão e milho, depois tem a plantação, usamos 4 caroços de milho e feijão são três caroços, isso no período de inverno, a colheita é sempre em agosto para setembro, quando fazemos a colheita separamos em duas partes uma parte para os animais, outra parte é para guardar para que o próximo ano tenhamos sementes para novos plantios, isso é do milho especificamente, o feijão é apenas para consumo próprio mesmo. (PA)

Com essa afirmação do **Produtor A** essas práticas de cultivo envolvem conhecimentos tradicionais transmitidos por gerações, onde a escolha das sementes, o preparo da terra e o manejo dos cultivos seguem padrões que são adaptados às condições locais, sendo muitas vezes focadas em subsistência e reserva de sementes para safras futuras

Quando questionado sobre esse aspecto, o **Produtor B** afirma que *“as produções de milho e feijão preto específico e feijão pardo, só planto se eu tiver a garantia de que o inverno será bom. Planto milho porque serve de alimentos para as galinhas e o feijão preto e pardo serve para o consumo próprio, caso se eu lucrar muito eu guardo para o próximo ano eu plantar de novo”*.

O **Produtor C** relata que *“a plantação de milho e feijão, primeiro passo eu aro terra, planto as sementes, quando nasce limpo a terra e espero chover e o tempo de colheita”*.

O **Produtor D** apenas afirma que *“a plantação de milho e feijão são produzidas de formas tradicionais”*.

As declarações dos **Produtores B, C e D** destacam a importância das práticas tradicionais. O **Produtor B** enfatiza que só planta se tiver a garantia de um inverno favorável, mostrando como a decisão de cultivo depende da previsão climática. Ele também destaca que o milho e o feijão são usados principalmente para consumo próprio e alimentação dos animais, com foco na subsistência familiar.

O **Produtor C** descreve de forma prática o processo de plantio, desde a preparação da terra até a espera pela chuva, ressaltando a dependência dos ciclos naturais para uma boa colheita. Já o **Produtor D** reforça a ideia de que o cultivo se mantém dentro das práticas tradicionais, o que evidencia a continuidade de técnicas passadas de geração em geração.

Um aspecto importante a ser considerado na análise da produção local é se ela é realizada com recursos próprios ou mediante financiamento externo. Essa questão busca entender como os produtores financiam suas atividades e quais são as fontes de capital utilizadas para sustentar a cadeia produtiva, avaliando, assim, a autonomia financeira e a dependência de crédito rural ou outros mecanismos de apoio econômico. E de acordo com o **Produtor A**, *“recurso próprio, porque aprendi com meus pais desde sempre investir, na produção de milho, feijão, criação de animais e produção de queijo coalho”*.

O fato do **Produtor A** depender de recursos próprios para financiar suas atividades reflete uma autonomia significativa em relação a fontes externas de capital. A utilização de recursos próprios é indicativa de uma forma de produção que valoriza a autossuficiência e a continuidade das práticas tradicionais transmitidas ao longo das gerações. Isso também sugere que a capacidade de investimento e manutenção das atividades produtivas está intrinsecamente

ligada ao saber e aos recursos acumulados ao longo do tempo, em vez de depender de financiamento externo.

O **Produtor B** respondeu a essa pergunta afirmando que *“recursos próprios, porque o que produzo é tirado uma parte para o consumo e a outra parte é para investir”*.

Já o **Produtor C** respondeu que *“recursos próprios, porque ao longo do tempo fui requerindo esses produtos, investindo, e se tornou minha fonte de renda”*.

Sob esse viés, o **Produtor D** afirmou que *“recursos próprios porque foi adquirindo os produtos com o tempo, e quando consegui investir, hoje consigo através da venda do queijo de manteiga pagar aos trabalhadores”*.

O **Produtor B** menciona que divide o que produz entre o consumo próprio e o reinvestimento, mostrando uma estratégia, onde a renda gerada é reinvestida para garantir a continuidade das atividades. Já o **Produtor C** ressalta que, com o tempo, foi acumulando e reinvestindo em seus produtos, até transformar essa produção em uma fonte de renda estável.

O **Produtor D**, por sua vez, reforça que, ao adquirir os produtos necessários com o tempo, hoje consegue pagar os trabalhadores com a renda gerada pela venda do queijo de manteiga. Isso demonstra como a economia local se fortalece com o tempo, permitindo que o produtor mantenha uma cadeia de produção resistente e, ao mesmo tempo, gere emprego para a comunidade.

Para entender melhor as dinâmicas de trabalho na produção local, é importante analisar se os produtores precisam contratar ajuda externa e quais são os custos associados a isso. Nesse sentido, foi questionado ao **Produtor A** às seguintes questões: *“O senhor precisa contratar alguém para ajudar?”* e, se sim, *‘Qual é o valor pago diariamente para esses trabalhadores?’* e de acordo com o **Produtor A**, *“Não, aqui na minha casa, a criação de animais, cultivo de alimentos são de base familiar, mas para fazer a preparação da terra para plantar contrato trabalhadores alugados para preparar minha terra, envenenar o mato, usar o trator. Eu pago 60 reais a diária.”*

Essa informação revela que, enquanto as atividades principais da criação de animais e cultivo de alimentos são geridas pela própria família, a preparação da terra, um aspecto crucial do ciclo produtivo, requer o auxílio de trabalhadores externos. O custo diário de 60 reais para esses serviços reflete o investimento necessário para garantir que a terra esteja adequadamente preparada para o plantio, o que é essencial para a produtividade agrícola.

A necessidade de contratar trabalhadores para tarefas específicas indica uma divisão do trabalho que permite ao produtor focar nas atividades que pode realizar com sua família, enquanto terceiriza tarefas que exigem habilidades especializadas ou equipamentos que não possui.

Quando questionado sobre a contratação de trabalhadores o **Produtor B** relatou que *“utilizo da mão de obra familiar”*. Enquanto o **Produtor C** afirmou *“tenho dois funcionários além da minha família”*.

Em contraponto o **Produtor D** afirma que precisa contratar *“5 pessoas, 2 na produção de queijo de manteiga e 3 que faz a rota, Sítio Marias Pretas, Sítio Cascavel e Sítio Guaribas.”*

A terceirização do trabalho no campo nesse ponto se torna uma temática muito importante, pois permite aos moradores da zona rural uma forma de assegurar uma renda excedida pelos próprios produtores rurais, que mantêm suas atividades com foco nas produções de queijo coalho e de manteiga.

O sistema de empregabilidade do **Produtor D** evidencia uma estrutura produtiva que vai além da agricultura familiar, pois ele necessita de um número significativo de trabalhadores externos para manter suas atividades. Isso sugere uma transição da economia de subsistência para um modelo mais comercial. Enquanto o **Produtor B** depende exclusivamente da mão de obra familiar e o **Produtor C** combina mão de obra familiar com dois funcionários, o **Produtor D** requer cinco pessoas adicionais para atender tanto à produção do queijo de manteiga quanto à logística de distribuição.

A contratação de trabalhadores para funções específicas, como a produção é um indicativo de uma estrutura organizacional mais complexa. A necessidade de rotas específicas para a distribuição dos produtos entre o Sítio Marias Pretas, Sítio Cascavel e Sítio Guaribas sugere um maior alcance de mercado e uma produção em escala. Isso pode sinalizar que o **Produtor D** se encontra em um estágio mais avançado da cadeia produtiva, o que exige uma maior divisão do trabalho e, conseqüentemente, uma maior dependência de mão de obra assalariada, um fator de distinção dentro dos sistemas de agricultura familiar.

Outro aspecto relevante a ser explorado é a finalidade da produção: se ela é destinada exclusivamente ao consumo familiar ou também inclui a comercialização dos produtos. Para compreender melhor essa dinâmica.

O **Produtor A** afirmou que *“sobre a produção de queijo coalho é para o consumo próprio e para venda local”* e ainda mais *“a venda é domiciliar, tem também um queijeiro do Sítio Lagoa de Umburana- Gado Bravo que compra semanalmente em média 60 kg queijos coalhos e ele revende para outros locais”*, e sobre o plantio *“e a produção de milho e feijão é para o consumo mesmo, o que a gente colhe, vai armazenando, o milho depois de cessado serve de ração para as galinhas e moemos também para os porcos”*.

Essa declaração demonstra que a produção de queijo coalho serve tanto ao consumo familiar quanto à comercialização. O fato de o produtor destinar parte da produção para venda

local e para um queijeiro que revende em outros locais destaca a importância econômica da comercialização para a sustentabilidade da produção.

A agricultura familiar muitas vezes combina a produção para subsistência com a comercialização de excedentes, permitindo aos agricultores equilibrarem suas necessidades alimentares com a geração de renda. Esse modelo híbrido de produção contribui para a segurança alimentar e a sustentabilidade econômica, refletindo a integração das práticas tradicionais com as oportunidades de mercado" (ALTIERI, 2018, p. 112).

Para Altieri (2018) a comercialização, especialmente quando realizada de forma domiciliar e por meio de intermediários locais, pode fortalecer a rede de apoio e o mercado local, além de possibilitar uma renda adicional.

O **Produtor B** respondeu que *“os produtos são para a venda e consumo também, eu faço manteiga da terra e queijo coalho, e consumo diariamente, e o leite consumimos quase todos os dias”*. Ainda mais *“a venda aqui é domiciliar, vários vizinhos aqui perto vêm comprar queijo coalho, também vendo queijo coalho em Aroeiras e Campina Grande, mas só por encomenda, pelos anos que trabalho com isso, consegui muita freguesia nessas cidades”*.

O **Produtor C** afirmou também que *“consumo os produtos que produzo e vendo”* ainda mais, ele completa *“produzimos o queijo coalho e a manteiga da terra para meu irmão, ele faz a venda em Campina Grande. Também acontece de alguns vizinhos comprarem queijo coalho e a manteiga da terra aqui em casa, alguns compradores também querem negociar a venda de gado e porcos”*

O **Produtor D** relata que *“a venda ocorre muito por encomendas de moradores vizinhos daqui e os dois que trabalham aqui que pegam leite em outras casas acabam fazendo essa entrega, também tem a venda para cidades vizinhas, Campina Grande, a própria Gado Bravo e Umbuzeiro”*.

O **Produtor B**, destaca que tanto o leite quanto os produtos derivados, como queijo coalho e manteiga da terra, são consumidos diariamente por sua família, mas também são destinados à venda. Esse modelo reforça o conceito de economia de subsistência, na qual a produção visa inicialmente atender às necessidades familiares e o excedente é comercializado. Além disso, o sistema de venda domiciliar e as encomendas para cidades próximas, como Aroeiras e Campina Grande, demonstram como a proximidade e a confiança entre produtores e consumidores criam redes de comercialização de curta distância.

No caso do **Produtor C**, percebe-se uma organização familiar que expande o escoamento da produção para Campina Grande, através do irmão que realiza as vendas. Isso ilustra a dinâmica de cooperação e de divisão de tarefas típicas da agricultura familiar, onde membros da família assumem papéis complementares para assegurar a continuidade da atividade produtiva. Além disso, o relato sobre a venda ocasional de gado e porcos, assim como

o interesse dos vizinhos na compra dos produtos, indica a diversidade produtiva e a flexibilidade da comercialização.

O **Produtor D** também reforça essa lógica de proximidade, enfatizando a importância das encomendas e da venda direta aos vizinhos, além da entrega em cidades próximas. O fato de colaboradores auxiliarem na distribuição demonstra uma rede informal de comercialização, na qual a confiança e a reciprocidade são elementos fundamentais. A venda para diferentes localidades mostra como, mesmo em uma economia de base familiar, há estratégias para ampliar o alcance do mercado e garantir uma renda.

Sendo assim, para Schneider (2009) a agricultura familiar caracteriza-se por uma produção voltada tanto para o autoconsumo quanto para o mercado, sendo comum a coexistência de atividades de subsistência e de comercialização. Nessa dinâmica, a proximidade com os consumidores, a confiança mútua e as redes sociais locais desempenham papel crucial na venda dos produtos, que frequentemente ocorre por meio de canais curtos, como a venda direta aos vizinhos e as encomendas regionais.

Sobre as técnicas de produção no que se refere a criação de animais o **Produtor A** relatou que:

O gado é criado em cercado na minha terra e é alimentado por palma doce, pasta que é conhecida por torta de algodão, palha de milho, capim moído no motor forrageiro, a água que é consumido pelo gado é da minha barragem e no período de seca, o consumo de água é de poços artesianos sendo um deles do meu vizinho. (PA).

Essas práticas de manejo refletem a capacidade do produtor de adaptar suas técnicas às condições locais e às necessidades específicas do gado. A combinação de estratégias alimentares e de gestão de água demonstra um compromisso com a resistência da produção, evidenciando como os produtores rurais enfrentam desafios naturais por meio de soluções práticas.

Vale destacar que a terra é essencial para a produção de alimentos para o gado, como palma doce, pasta que é conhecida por torta de algodão, palha de milho, capim moído no motor forrageiro. Esses alimentos são cultivados diretamente no território do produtor, e a capacidade de produzir essas forragens é intrinsecamente ligada à qualidade e à gestão da terra. A disponibilidade de terras permite ao produtor cultivar as forragens necessárias, o que é crucial para a alimentação do gado, especialmente em regiões secas onde recursos alimentares podem ser limitados.

Além disso, a gestão da água, mencionada pelo **Produtor A**, também está intimamente conectada à terra. A água é armazenada em barragens situadas na propriedade, e a terra é utilizada para construir e manter essas estruturas. Durante períodos de seca, o acesso à água de

poços artesianos, complementando a água da barragem, ilustra a integração da gestão dos recursos hídricos com o uso do território.

Ainda sobre as técnicas de produções sob criações de animais o **Produtor A**:

Eu crio cabras e a alimentação delas é baseada em pasta, farelo de milho e palma doce. O leite é para os filhotes não consumo. Também crio porcos, a alimentação se dá pelo próprio soro do queijo coalho, essa criação de porcos é para venda e consumo da carne que é abatido na minha casa (PA).

O **Produtor A** menciona que a alimentação é composta principalmente por soro de queijo coalho, farelo de milho e trigo. Esse uso do soro, um subproduto da produção de queijo, isso de fato é muito importante, porque o produtor está aproveitando o que seria considerado um resíduo para a alimentação dos porcos. O fato de que a criação de porcos é destinada tanto para venda quanto para o consumo da carne abatida na propriedade reflete uma estratégia de diversificação econômica. A venda da carne dos porcos oferece uma fonte adicional de renda, enquanto o consumo familiar assegura que a propriedade possa satisfazer suas próprias necessidades alimentares.

Já o **Produtor B** afirma que, “*eu crio gado e alimento elas com palma e pasta, crio porcos também e com o soro do queijo coalho eu alimento eles. Crio Galinhas e com o milho que planto, serve de alimentação para elas*”.

O **Produtor C** relata que as técnicas que são utilizadas é apenas o “*Uso a forrageira para moer o capim para alimentar o gado, a produção do queijo manual tem o resíduo que é o soro que serve para alimentação dos porcos que crio para depois acrescentar o farelo*”. O **Produtor D** afirmou que:

Não crio gado porque teria que ter outras pessoas trabalhando aqui porque não ia conseguir lidar com outros animais. Apenas crio porcos. Como não crio gado tenho que comprar leite em casas de produtores de comunidades vizinhas para então fazer os queijos de manteiga e assim eu consigo reutilizar o soro para alimentar os porcos (PD)

Esses relatos refletem o uso de técnicas tradicionais e adaptadas ao contexto local, onde o conhecimento empírico dos produtores é fundamental para lidar com as limitações de recursos. A diversificação das atividades produtivas e o reaproveitamento de insumos dentro da propriedade são estratégias que reforçam a resiliência dos sistemas de produção familiar, permitindo uma sustentabilidade econômica e ecológica mesmo em contextos desafiadores.

No Sítio Marias Pretas, o manejo diversificado, o reaproveitamento de insumos e a autossuficiência são aspectos centrais que garantem a sustentabilidade da produção e a resiliência econômica dos produtores. Esses elementos mostram como o conhecimento acumulado ao longo do tempo, aliado à inovação nas práticas locais, fortalece a permanência das famílias no campo, mesmo em cenários adversos.

Para Haesbaert (2004), o conceito de território vai além do espaço físico, abrangendo as relações sociais, culturais e econômicas que nele se desenvolvem. No contexto da agricultura familiar, o território é construído e reproduzido pelo trabalho dos agricultores, que integram práticas tradicionais e conhecimentos locais com os recursos naturais disponíveis. Esse enraizamento territorial possibilita a construção de identidades coletivas e a preservação de modos de vida adaptados às especificidades de cada região.

E com isso a relação entre o conceito de território e as práticas dos produtores no Sítio Marias Pretas é central para entender a dinâmica da agricultura familiar na região. O território, nesse contexto, não se limita ao espaço físico, mas envolve as relações sociais, econômicas e culturais que se desenvolvem ali. As práticas tradicionais de manejo do gado e de produção de derivados, como queijo e manteiga, refletem um conhecimento profundamente enraizado no território, onde o uso dos recursos naturais e a interação com o ambiente local são orientados por gerações de experiência.

Portanto, a dinâmica da agricultura familiar no Sítio Marias Pretas ilustra como o conhecimento acumulado ao longo do tempo, aliado à inovação e adaptação às condições locais, garante a continuidade das práticas produtivas. O território, assim, se torna um espaço de construção e reprodução de identidades e práticas culturais, reforçando a resiliência e a permanência das famílias no campo, mesmo em cenários adversos.

4.1 As atividades produtivas sob a cadeia do leite e o queijo no Sítio Marias Pretas - Gado Bravo-PB

Como já exposto anteriormente, o Sítio Marias Pretas, localizado no município de Gado Bravo, Agreste da Paraíba, é um exemplo de propriedade rural que se dedica a uma diversidade de atividades produtivas. As principais atividades incluem a agricultura, a criação de gado e suínos, além da produção artesanal de queijos. Esta diversidade de produção é comum em propriedades rurais do semiárido nordestino, onde os agricultores e pecuaristas buscam diversificar suas fontes de renda e garantir a sustentabilidade do negócio (CABRAL, 2011, p 41).

Na agricultura, as atividades podem incluir o cultivo de diversas culturas, adaptadas às condições climáticas e de solo da região. A criação de gado e suínos é uma prática tradicional, com cada tipo de criação oferecendo diferentes produtos e subprodutos, como carne, leite. A produção de queijos, por sua vez, é uma atividade que agrega valor ao leite produzido, transformando-o em um produto de maior valor agregado, muitas vezes utilizando técnicas artesanais e receitas tradicionais da região.

Este modelo de produção diversificada permite uma melhor utilização dos recursos disponíveis e uma maior resiliência econômica para os produtores rurais, além de contribuir para a manutenção da cultura e das tradições locais.

Existem dois fatores que devemos mencionar ao destacar que permeiam o processo produtivo da pecuária em Gado Bravo, vão desde o processo de captação do leite até o processo de escoamento da produção. A pecuária do município de Gado Bravo é voltada, em sua maioria, para a produção leiteira, e derivados do leite, ocupando lugar dos municípios que mais produzem leite no estado da Paraíba.

Em relação a captação, a ordenha é praticamente realizada inteiramente de forma manual, pelo próprio produtor. No que se refere a periodicidade da captação, a ordenha geralmente é executada duas vezes ao dia, a primeira na parte da manhã, comumente realizada antes das 7 horas, sendo na maioria das vezes, a primeira atividade do dia a ser realizada. Já a segunda ordenha, na parte da tarde, é realizada normalmente entre as 13 e as 16 horas. Na (Figura 1) podemos observar alguns aspectos dessa atividade.

Figura 1 - Captação do leite pelo Produtor A



Fonte: acervo próprio da pesquisadora (2024)

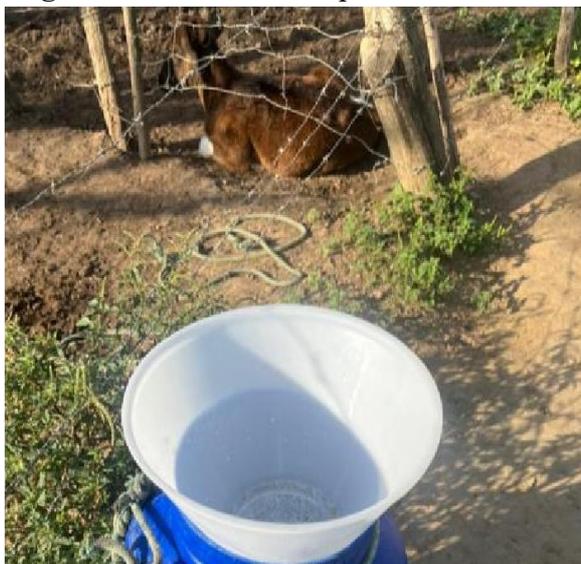
Na (Figura 1) podemos visualizar um produtor do Sítio Marias Pretas realizando a ordenha de forma manual. Também ocorre, de o produtor amarrar a vaca, ou colocar ração para o animal, enquanto a captação de leite é realizada, isso é feito, normalmente, em duas situações: a primeira é quando determinado animal está apartada do bezerro, o que ocorre quando este já está mais desenvolvido, e a segunda situação é quando o bezerro é vendido antes mesmo desse

desenvolvimento completo , isso ocorre principalmente quando há a necessidade de complementação de renda, é vendido o bezerro invés do animal leiteiro.

Esta (Figura 1) de um simples produtor rural, com sua galocha e o boné surrado, arriando a vaca para tirar o leite, simboliza muito mais do que um trabalho cotidiano. Representa a resistência e a dignidade de quem, com mãos calejadas e olhar atento, sustenta uma tradição que transcende gerações. Esse **Produtor A**, em sua rotina silenciosa e humilde, encarna a conexão profunda entre o homem e a terra, onde cada gesto, do ato de arriar a vaca à ordenha, é carregado de significado.

Isso vem refletir na essência do produtor rural que, através de suas práticas simples, como arriar a vaca para tirar o leite, manifesta um conhecimento ancestral que foi passado de geração em geração. Em seguida, a (Figura 2) ilustra o leite coletado já coado.

Figura 2- Leite coletado pelo Produtor A



Fonte: acervo próprio da pesquisadora (2024)

Já na (Figura 2), podemos observar onde o leite é armazenado temporariamente, e passado por um coador. Percebemos na (Figura 2) que o tambor de plástico que está sendo utilizado para armazenamento da coleta do leite, está coberto por cordas, pois além da coleta do leite, o **Produtor A** compra leite a dois produtores do Sítio Marias Pretas. Essa prática, aparentemente simples, revela as complexidades de uma cadeia produtiva que depende de múltiplos atores e de soluções criativas para sustentar a produção. No que concerne a comercialização dessa produção, ela se dá de duas formas principais a produção de queijos e a venda do leite. Na (Figura 3) podemos observar a produção de queijos coalho do **Produtor A**.

Figura 3 - Produção de queijo coalho do Produtor A



Fonte: acervo próprio da pesquisadora (2024)

Existem várias etapas para a produção de queijos coalhos, um dos produtores que respondeu o questionário relatou como é o processo de produção e como ocorre a venda dessas produções. Importante mencionar, que cada propriedade possui seu próprio critério para adotar uma ou outra forma de produção e comercialização. Segundo o **Produtor A** do sítio Marias Pretas.

Sobre a produção de queijos coalho é realizada primeiro a coleta do leite da vaca, coloca o coalho no leite e espera 20 minutos até a coalhada ficar uniforme, depois mexe e esperar soltar o soro, depois coloca em um saco, espreme o soro e coloca a coalhada em um "xinxu", espreme e quando tiver firme, coloca sal e deixa de um dia para outro para ganhar forma e consistência. (PA).

A coleta do leite, a adição do coalho, e o cuidadoso manejo da coalhada até a obtenção do soro são procedimentos que exigem habilidade e uma compreensão intuitiva dos processos naturais envolvidos na transformação do leite em queijo. O uso de elementos como o "xinxu"⁵ e o cuidado em deixar o queijo "de um dia para o outro" para adquirir forma e consistência indicam não apenas a atenção aos detalhes, mas também a adaptação de técnicas tradicionais às condições locais. Cada produtor, como mencionado, pode adotar variações nesses métodos, de acordo com as especificidades de sua propriedade, o que torna a produção de queijo coalho uma prática única e personalizada.

Além disso, esse relato sublinha a relação íntima entre o produtor e o produto, onde cada queijo fabricado carrega em si o trabalho e o cuidado daquele que o produziu. O processo descrito é manual e demanda tempo, algo que se reflete na qualidade e autenticidade do queijo

produzido. Essa dedicação é também uma parte crucial do valor cultural e econômico que a produção de queijo coalho representa para a comunidade do Sítio Marias Pretas. A comercialização desses queijos, muitas vezes realizada em mercados locais ou diretamente para consumidores conhecidos, é um testemunho da confiança na qualidade do produto e do vínculo estreito entre produtores e consumidores.

Na (Figura 4) mostra a primeira etapa do processo de produção logo após a coleta do leite em que o produtor coloca o coalho no leite.

Figura 4 - Coalho sendo inserido pelo Produtor A



Fonte: acervo próprio da pesquisadora (2024)

De acordo com o **Produtor A** o processo de fabricação do queijo coalho começa adicionando o coalho ao leite fresco. Após a adição do coalho, o leite é deixado em repouso por um período, permitindo que a coagulação ocorra, formando uma coalhada uniforme⁵. Essa coalhada é essencial para a produção do queijo, pois é quando o leite começa a separar seus componentes sólidos (a caseína) dos líquidos (o soro). Uma vez que a coalhada atinge a consistência desejada, o produtor prossegue com o corte e o manuseio, etapas que variam conforme o tipo de queijo a ser produzido. A (Figura 5) nos revela a coalhada ficando uniforme.

⁵ Palavra utilizada de forma coloquial e cultural.

Figura 5 - Coalhada Uniforme do Produtor A



Fonte: acervo próprio da pesquisadora (2024)

A (Figura 5) nos revela a coalhada atingindo o ponto ideal de uniformidade, uma etapa crucial na produção do queijo coalho. Esse momento, em que o leite coalhado começa a ganhar consistência, é o resultado de um processo cuidadoso de coagulação, que exige do produtor uma atenção especial ao tempo e à temperatura. Oliveira (2015) relata que essa uniformidade da coalhada é essencial para garantir que o queijo final tenha a textura e o sabor adequados, refletindo a habilidade e a experiência do produtor em manejar os ingredientes e controlar as condições de produção.

Assim como o **Produtor A**, outros produtores no Sítio Marias Pretas também seguem práticas tradicionais na coleta de leite e ordenha, reforçando a importância dessas atividades como pilares da produção artesanal de queijo. Esses produtores, que compartilham métodos semelhantes, demonstram a continuidade de um saber que é passado de geração em geração, refletindo a coesão e a consistência das técnicas empregadas na comunidade. A adoção dessas práticas comuns, que começam com a coleta do leite fresco e se estendem por todo o processo de ordenha, é um testemunho da dedicação desses agricultores em preservar a qualidade e a autenticidade de seus produtos. No que se refere a ordenha e coleta de leite na (Figura 6) é apresentado o **Produtor B** realizando sua ordenha e na (Figura 7) coletando o leite.

Figura 6 - Ordenha realizada pelo produtor B.



Fonte: Acervo próprio do Produtor B (2024)

Figura 7 - Coleta de leite em uma medida de leite pelo Produtor B



Fonte: Acervo próprio do Produtor B (2024)

A (Figura 6) retrata o **Produtor B** tirando leite da vaca sem o auxílio do bezerro, mas sim utilizando um coxo com pasto, revela uma prática comum em pequenos sítios e propriedades rurais. Nesse caso, o produtor substitui a presença do bezerro, que normalmente estimula a liberação do leite pela vaca, por uma estratégia adaptada ao seu contexto: ele usa um coxo com pasto para manter o animal tranquilo e imóvel durante a ordenha.

Essa abordagem é prática e reflete a necessidade de otimizar o manejo em situações em que o bezerro não está disponível, seja porque foi vendido ou por outro motivo. Além disso, o uso do coxo com pasto demonstra a criatividade dos pequenos produtores em adaptar suas técnicas com os recursos que têm à disposição, garantindo que o processo de ordenha ocorra de forma eficiente.

Na (Figura 7) mostra o símbolo da leiteira de alumínio que carrega mais do que o simples ato de armazenar o leite, ela traz consigo a história de gerações de produtores que a utilizam. Aquele recipiente, com marcas do tempo e de uso, testemunhou incontáveis madrugadas de ordenha, mãos calejadas e o esforço diário da vida no campo. Para os produtores, a leiteira não é apenas um utensílio, é um símbolo da continuidade, da resistência e da conexão com a terra. Ela representa a tradição passada de pais para filhos, um elo entre o passado e o presente que mantém vivas as raízes e a identidade do trabalho rural. Cada vez que ela é enchida de leite, é como se toda a história daquelas famílias estivesse sendo vertida ali, reforçando a ligação profunda entre o produtor, seu território e seu modo de vida. Como afirma Souza e Almeida (2018):

O utensílio simples e tradicional, como a leiteira de alumínio, carrega não apenas a função prática, mas a memória coletiva das gerações que moldaram sua história no campo. Através de seu uso contínuo, esses objetos se tornam símbolos da resistência e da identidade cultural, refletindo o vínculo profundo entre o saber tradicional e a vida rural." (SOUZA; ALMEIDA, 2018, p. 92).

É um símbolo da tradição e da resistência, conectando o passado e o presente na rotina dos produtores rurais.

Dentro do aspecto de produção de leite o **Produtor C** está inserido igualmente com os **Produtores A e B**, mas que possuem suas especificidades.

Figura 8 - Produtor C realizando a ordenha



Fonte: acervo próprio do Produtor C (2024)

Figura 9 - Leite coletado e coado pelo Produtor C



Fonte: acervo próprio do Produtor C (2024)

Na (Figura 8) mostra o **Produtor C** em sua ordenha mostra o símbolo do produtor tirando leite no curral. Percebemos que o bezerro permanecia ao lado da vaca, pois isso permite que o leite fluísse com mais facilidade e garantisse uma tranquilidade para a vaca.

Na (Figura 9) mostra o recipiente do leite em que o **Produtor C** utiliza, percebemos que ele usa um coador assim como o **Produtor A** (Figura 1) isso facilita no processo de produção queijo coalho, pois o leite já sei coado e já facilita na inserção do coalho no leite.

Em suma, as técnicas manuais são um reflexo da adaptação e da resiliência dos produtores. Elas preservam a cultura local e a identidade territorial, e demonstram uma relação profunda entre as práticas agrícolas e o ambiente em que são realizadas. Esses aspectos são essenciais para compreender a riqueza e a complexidade da agricultura familiar no contexto do semiárido.

A produção de queijo coalho no contexto do produtor rural paraibano é um exemplo claro dessa simbologia de resistência e preservação cultural. O queijo coalho, um dos produtos mais tradicionais do sertão nordestino, não é apenas uma fonte de renda, mas também uma prática enraizada no cotidiano e na identidade das famílias rurais. A técnica de produção, que inclui o uso de saberes transmitidos de geração em geração, reflete a adaptação às condições locais, aproveitando os recursos disponíveis, como o leite fresco e o clima da área, para criar um produto artesanal valorizado na economia local.

Assim como o **Produtor A, B e C** também está integrado as práticas de produção do queijo coalho.

Figura 10 - Produção de queijos coalho do Produtor C



Fonte: acervo próprio do Produtor C (2024)

Figura 11 - Produção de queijos coalho do Produtor B



Fonte: acervo próprio do Produtor B (2024)

O que vai distinguir as produções dos **Produtores A, B, C e D** são suas especificidades, alguns produtores possuem sua forma de venda, produtos, técnicas, que faz com que as produções desses produtores sejam únicas.

Um das técnicas que os produtores evidenciaram no questionário é a técnica de prensagem do queijo coalho com uma pedra. É uma prática artesanal que evidencia a simplicidade e a engenhosidade dos produtores rurais no Sítio Marias Pretas. Após a coalhada atingir a uniformidade desejada e ser drenada, o queijo é colocado em moldes, conhecidos por eles como “xinxu”, e uma pedra é usada para pressioná-lo lentamente. Essa técnica de prensagem manual, utilizando o peso da pedra, permite que o soro restante seja expelido da massa, ajudando a firmar o queijo e a dar-lhe a consistência característica.

O uso de uma pedra, em vez de equipamentos mais modernos, não só reflete a tradição e os recursos disponíveis localmente, mas também garante que o processo seja conduzido com o tempo necessário para desenvolver o sabor e a textura desejados no queijo coalho. Essa prática, que pode parecer rudimentar para alguns, é na verdade uma expressão da continuidade de um saber-fazer dos seus pais, avós.

O **Produtor A** como ilustra na (Figura 12) utiliza da técnica de prensagem assim como o **Produtor B** que insere em seu modo de produção de queijo coalho a utilização da técnica artesanal de prensagem, que será apresentado na (Figura 13). Do mesmo modo o **Produtor C** também está integrado a essa técnica como é ilustrado na (Figura 8).

Figura 12 - Técnica de Prensagem do queijo coalho do Produtor A



Fonte: acervo próprio da pesquisadora (2024)

Figura 13 -Técnica de Prensagem do queijo coalho do Produtor B



Fonte: acervo próprio do Produtor B (2024)

Figura 14 - Técnica de Prensagem do queijo coalho do Produtor C



Fonte: acervo próprio do Produtor C (2024)

É possível observar a técnica artesanal que os Produtores utilizam para dar firmeza e forma ao queijo coalho. Ele se vale de uma prática tradicional, empregando uma rocha pesada, conhecida localmente como "pedra", para prensar o queijo. Esse método manual e rudimentar é bastante eficiente, pois aplica pressão de maneira uniforme sobre a massa do queijo, permitindo que o soro seja expelido e, conseqüentemente, garantindo que o produto tenha a textura desejada.

O uso dessa pedra pesada não é apenas uma solução prática para o contexto local, mas também evidencia a engenhosidade dos produtores que, com recursos limitados, encontram maneiras de otimizar a produção. Essa técnica destaca a forte conexão entre o conhecimento tradicional e o processo produtivo, refletindo como os saberes transmitidos ao longo de gerações moldam a produção artesanal, mantendo o sabor e a qualidade típicos do queijo coalho da região.

A integração dos **Produtores A B e C** a essa técnica sublinha o caráter coletivo e comunitário das tradições rurais, onde diferentes produtores compartilham e preservam métodos semelhantes. A preservação das práticas artesanais na agricultura familiar reflete a integração coletiva dos produtores, que compartilham técnicas e saberes tradicionais.

O **Produtor D**, por exemplo, não produz queijo de coalho e produz apenas queijo de manteiga, outro fato interessante é que esse mesmo produtor não cria gado. O **Produtor D**, ao se concentrar apenas na produção de queijo de manteiga e não criar gado, oferece um exemplo de diversificação dentro da cadeia produtiva da agricultura familiar. Embora não crie gado, ele ainda consegue integrar-se à produção de laticínios ao comprar leite de outros produtores locais,

destacando uma rede de colaboração comunitária típica das pequenas propriedades rurais. Ele afirma que:

Não crio gado porque teria que ter outras pessoas trabalhando aqui porque não ia conseguir lidar com outros animais. Apenas crio porcos. Como não crio gado tenho que comprar leite em casas de produtores de comunidades vizinhas para então fazer os queijos de manteiga e assim eu consigo reutilizar o soro para alimentar os porcos (PD)

Diante da sua fala, é notório que o **Produtor D** opta por não criar gado devido à demanda de mão de obra que isso exigiria, focando apenas na criação de porcos. Para produzir queijo de manteiga, ele compra leite de produtores vizinhos, aproveitando o soro resultante para alimentar os porcos, otimizando recursos dentro de sua atividade.

Figura 15 - Queijo de manteiga do produtor D



Fonte: acervo próprio da pesquisadora Autoria Própria (2024)

Figura 16 - Armazenamento de queijos de manteiga do Produtor D



Fonte: acervo próprio da pesquisadora (2024)

A forma de produção segundo o **Produtor D** que produz o queijo de manteiga relata que:

Aqui o processo leva muito tempo no fogo, uma hora de fogo. Escorre a coalhada e coloca no taxo umas três vezes, e a coalhada tem que ficar com a textura como a do chiclete, porque assim dá a liga do queijo. Leva bastante leite e não tem como saber a quantidade de leite, porque depende da coalhada. (TRABALHADOR 2 DO PRODUTOR D).

O relato do **Produtor D** destaca o caráter artesanal e o cuidado envolvido na produção do queijo de manteiga. O processo demanda um longo tempo no fogo, cerca de uma hora, seguido pela repetição de etapas, como escorrer e colocar a coalhada no tacho três vezes. A textura ideal da coalhada, comparada à de um chiclete, é essencial para garantir a liga do queijo. Além disso, a quantidade de leite utilizada varia conforme a qualidade da coalhada, o que reforça a natureza empírica e intuitiva desse método artesanal, onde a experiência do produtor é fundamental para alcançar o ponto perfeito do produto. A seguir as (Figuras 17 e 18) mostram os Trabalhadores (1 e 2) que dão apoio ao **Produtor D** para a produção do queijo de manteiga.

Figura 17 - Trabalhador 1 do Produtor D inserindo o leite na desnatadeira



Fonte: acervo próprio da pesquisadora (2024)

Figura 18 - Trabalhador 2 do Produtor D mexendo o leite no tacho



Fonte: acervo próprio da pesquisadora (2024)

Na (Figura 17) captura-se o método artesanal utilizado na produção do queijo de manteiga, evidenciando o cuidado e a experiência dos trabalhadores, especificamente o uso da desnatadeira como ferramenta para separar o leite e a nata. Na (Figura 18) é possível observar o manuseio cuidadoso da coalhada no tacho, onde o fogo e a repetição das etapas são essenciais para alcançar a textura adequada do produto

As imagens não apenas documentam o processo, mas também refletem a relação íntima entre o território, o saber tradicional e a sobrevivência econômica. Elas nos convidam a refletir sobre como essas práticas artesanais, muitas vezes invisíveis aos olhos de quem não pertence ao contexto rural.

De acordo com **Produtor D** *“a máquina desnatadeira age da seguinte forma, a máquina desnatadeira possuem dois lados, um desses lados é para colocar o leite, um lado sai o leite desnatado e o outro lado sai a nata”*. A máquina desnatadeira desempenha um papel crucial na separação do leite e da nata, permitindo uma produção mais eficiente de derivados lácteos. O funcionamento é simples: de um lado, o leite é colocado na máquina, e através de um processo de centrifugação, ocorre a separação dos componentes.

O aproveitamento do soro na produção de queijo coalho é uma prática essencial que reflete a sustentabilidade e a eficiência das atividades no Sítio Marias Pretas. Em vez de ser descartado, o soro é cuidadosamente coletado e reaproveitado, evidenciando o compromisso dos produtores com o uso consciente de todos os recursos disponíveis. Na (Figura 19), vemos o **Trabalhador 3** pegando o soro para distribuição, um momento que simboliza a integração desse subproduto no ciclo produtivo, onde nada é desperdiçado e tudo contribui para a continuidade das práticas agrícolas.

Figura 19 - Trabalhador 3 pegando o soro para distribuição



Fonte: acervo próprio da pesquisadora (2024)

Segundo o **Produtor D**, “a venda do soro se estende por vários locais inclusive no Sítio *Marias Pretas*”. Isso demonstra ser uma estratégia inteligente que responde às necessidades variadas da comunidade local. Segundo o **Produtor D** “alguns produtores, embora não se dediquem à produção de queijo coalho, criam porcos e utilizam o soro como uma fonte de alimentos para criação dos porcos, para outros, que também produzem queijo, o soro gerado em suas casas não é suficiente para alimentar os porcos”. Nesse contexto, a comercialização do soro se torna uma solução vantajosa, permitindo que os produtores de queijo como o **Produtor D**, que possuem excedentes de soro, encontrem um mercado local para esse subproduto. Existe outro processo na produção de queijos coalho, o aproveitamento da nata do leite que é transformado em manteiga da terra pelos **produtores B e C**.

Figura 20 - Manteiga da terra do Produtor B



Fonte: acervo próprio do Produtor B (2024)

Figura 21 - Manteiga da Terra do Produtor C



Fonte: acervo próprio do Produtor C (2024)

Segundo o **Produtor B**:

Primeiro, eu começo coletando o leite e deixando a nata subir na superfície. Depois, eu retiro essa nata e coloco em um recipiente. Ai, eu bato a nata até ela se transformar em manteiga. Aproveitamos bem todo o leite, sem desperdício. A manteiga da terra fica com um sabor muito especial e é ótima para vender ou para usar na nossa própria cozinha. (PB).

Já o **Produtor C** relata que:

Começo coletando a nata que sobe no leite e a bato para transformar em manteiga. É um processo bem manual, mas dá um ótimo resultado. Depois de fazer a manteiga, eu a vendo de forma domiciliar aqui na vizinhança. Também tenho uma parceria com meu irmão, que leva a manteiga para vender em Campina Grande (PC).

Em contrapartida, o que vai distinguir essa produção de manteiga da terra, é a forma de como ela é distribuída, pois, de acordo com o **Produtor B** “a manteiga da terra que produzimos é com destino a Aroeiras e Campina Grande, mas consumimos muito em casa”.

O aproveitamento completo dos recursos, como a transformação da nata em manteiga da terra, é uma estratégia essencial para maximizar o uso do leite nas pequenas propriedades rurais. No caso do **Produtor C**, essa prática manual não só evita o desperdício, mas também agrega valor ao produto, permitindo que cada parte do leite seja convertida em uma fonte de renda.

Dessa forma, o valor simbólico desses produtos está intrinsecamente ligado à cultura local e à relação dos produtores com o território em que vivem e trabalham. Outro ponto que pode ser elencado dentro do cotidiano desses produtores são as dificuldades enfrentadas na produção de leite e queijo. Os produtores do Sítio Marias Pretas expressaram, em suas próprias palavras, as adversidades que marcam o dia a dia da atividade, desde os desafios com a alimentação do gado até a luta constante para equilibrar os custos e a receita. A seguir, compartilhamos os relatos que ilustram essa realidade. Segundo o **Produtor A**:

As principais dificuldades que enfrentamos no rendimento do queijo é a perda no corte e o tipo de coagulante. A produção do leite existe problemas que podem afetar a produção de leite, a temperatura extrema e o frio, o consumo de poucos alimentos do gado, isso diminui a produção do leite. Essas dificuldades impactam na formulação do preço entre o queijo e o leite (PA).

Nessa perspectiva, Cavalcanti (2017), relata que produção artesanal de queijos em pequenas propriedades rurais está intimamente ligada ao manejo do rebanho, às condições ambientais e à qualidade dos insumos utilizados, fatores que determinam a qualidade e a quantidade do produto. Isso, enfatiza que a produção de queijo artesanal não é apenas uma questão de técnica, mas também de uma série de fatores interdependentes que devem ser geridos com cuidado para garantir um produto de qualidade. Isso se alinha com os desafios enfrentados pelos produtores do Sítio Marias Pretas, conforme descrito na sua pesquisa, onde questões como

o tipo de coagulante, a alimentação do gado e as condições climáticas afetam diretamente a produção e o preço dos produtos.

O **Produtor B** afirma que, *“A ração que tenho que comprar fora mais cara que o leite e o queijo que vendo. A motivação para continuar é porque é a única fonte de renda no momento.”* A afirmação do **Produtor B** ilustra um problema comum nas pequenas propriedades rurais: o custo elevado da ração em comparação com o preço obtido pelos produtos vendidos. Esse desequilíbrio econômico é um fator crítico que afeta a sustentabilidade da atividade produtiva. Quando o custo da ração excede o valor que se obtém pela venda do leite e queijo, a margem de lucro se torna insustentável, colocando os produtores em uma situação financeira difícil.

O fato de que a produção é a *“única fonte de renda no momento”* ressalta a dependência econômica do produtor em relação à atividade agrícola, o que limita suas opções e capacidade de adaptação

Isso destaca a realidade econômica desafiadora em que muitos pequenos produtores se encontram. A disparidade entre os custos dos insumos e os preços de venda pode criar uma pressão financeira intensa sobre os produtores, comprometendo a viabilidade econômica da produção. Para o **Produtor B**, a situação é agravada pela dependência exclusiva da atividade como fonte de renda, o que limita suas opções de alternativa e aumenta a sua vulnerabilidade financeira.

Para o **Produtor C**, *“A dificuldade é que a ração dos animais é cara e o queijo e o leite são baratos e dessa renda a gente precisa pagar os trabalhadores e manter a família também. Daí a gente vende os bezerros, os porcos, e se equilibra de novo”*

A declaração do **Produtor C** revela uma situação típica de pressão financeira em pequenos empreendimentos agrícolas. O alto custo da ração para os animais e o preço relativamente baixo do leite e do queijo criam um cenário em que a renda gerada pela venda desses produtos não é suficiente para cobrir todas as despesas, incluindo salários dos trabalhadores e manutenção da família.

Para lidar com esse déficit financeiro, o produtor recorre à venda de bezerros e porcos, uma estratégia que demonstra a necessidade de diversificação e adaptação para equilibrar as finanças. Essa prática de vender outros ativos para compensar as perdas na produção de leite e queijo é um reflexo da luta constante para manter a viabilidade econômica da propriedade.

O **Produtor D** afirma que *“a distância para colher o leite, as despesas e muitas vezes a falta de funcionários. O que motiva é o crescimento da procura do produto por parte dos clientes por ser uma mercadoria de boa qualidade.”*

Embora o **Produtor D** enfrente desafios significativos, como custos elevados e falta de pessoal, a alta demanda por produtos de qualidade pode justificar o esforço contínuo. No contexto do Sítio Marias Pretas, essa realidade reflete a necessidade de superação dos obstáculos operacionais através da valorização dos produtos artesanais, mesmo quando a compra de leite de terceiros introduz complexidades adicionais na gestão e na garantia da qualidade.

Conforme colocamos, o território do Sítio Marias Pretas é marcado por uma construção coletiva e histórica, evidenciada pela diversidade de produções que nele se realizam. As pequenas plantações de milho e feijão, a criação de gado e suínos, além da produção artesanal de queijos de coalho e manteiga, revelam não apenas a organização econômica local, mas também uma interação profunda entre as famílias agricultores e o ambiente. Essas práticas tradicionais, desenvolvidas ao longo de gerações, fortalecem a identidade territorial, onde o conhecimento passado de forma comunitária molda o espaço e sustenta a economia rural. Assim, o território se torna uma síntese viva das relações culturais, econômicas.

A agricultura e a pecuária sempre esteve presente no município de Gado Bravo. Segundo Santana (2009) a própria denominação do nome do município foi oriunda da forte presença do gado. Devido ao sucesso da agricultura e pecuária, as feiras tradicionais foram surgindo e completando o espaço econômico do município.

Gado Bravo sempre foi fundamentado historicamente sobre a agropecuária, com destaque para o algodão e a pecuária nos diversos sítios do município, o leite e a produção do queijo por vezes não era comercializado apenas consumido, mas com o crescimento da população dentro do município e a falta de empregos formais que abarcasse a grande demanda de pessoas, fez com que esses moradores explorassem mais essa atividade, impulsionando cada vez mais a produção e comercialização do leite e do queijo. De acordo com Barros (2015), a falta de oportunidades no mercado de trabalho formal em áreas rurais do semiárido nordestino levou as famílias a diversificarem suas atividades produtivas, com destaque para a agropecuária e a produção artesanal de derivados do leite, como o queijo, que passaram a ser comercializados como estratégia de subsistência e geração de renda.

Para Carlos (2007) o processo urbano se desenvolve a partir de relações econômicas e a sociedade, na medida em que o espaço urbano vai sendo produzido e reproduzido a sociedade segue o mesmo caminho. Nesse processo urbano, a economia do município de Gado Bravo sobrevive o setor terciário (mercados, farmácias, bares) empregos públicos, porém no campo a agricultura continua sendo o meio de subsistência dos produtores. Na pecuária ainda prevalece muitos moradores criando cabeças de gado, e a produção de leite e do queijo vem prevalecendo desde sempre.

Ao finalizar essa análise dos dados coletados, foi possível compreender o processo produtivo dos produtores rurais do Sítio Marias Pretas, especialmente na produção de queijos artesanais. Essas práticas refletem e, ao mesmo tempo, ajudam a construir e ressignificar o território do município, evidenciando que o conceito de território transcende o espaço físico e integra as relações culturais, sociais e econômicas que emergem do trabalho agrícola e da interação com o ambiente local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do princípio de que nosso trabalho foi organizado e estruturado com base numa perspectiva geográfica que envolve o conceito de território, esse mesmo conceito contribuiu para a construção de identidade cultural do Sítio Marias Pretas – Gado Bravo, PB. E nada mais relevante ter construído os alicerces de nossa pesquisa substanciada a luz das ideologias dos criadores, ou seja, os fascinantes pensamentos de autores como Lamarche (1993-1998), Wanderley (1999), Abramovay (1992 – 1998), Celso Furtado (1968-2007), Caio Prado Júnior (1976- 2011), Lima (2011), Oliveira (1981-2010), Fernandes (2000), face às que sempre analisaram a formação econômica brasileira e sobretudo dando destaque a importância da agricultura familiar e um olhar direcionado para as injustiças que acontecem no campo brasileiro, construídos sobre dedicação e longas jornadas investigativas que se explicitaram uma visão ampla e integrada da agricultura familiar, essencial para a compreensão da economia rural brasileira e suas especificidades, em particular a produção de pequenos e médios produtores, além de suas nítidas críticas a diferentes aspectos da organização econômica, política e social da agricultura e do desenvolvimento rural, cada um com foco em temas específicos.

Diante dos estudos trazidos no referencial teórico e pelos quais são sustentados por Wanderley (1999; 2013) Lamarche (1993;1998) Raffestin (1978), Abramovay (1992) faz-se importante reconhecer a base da evolução da agricultura familiar e em particular a questão agrária, cuja sistematização é consagrada por uma longa jornada histórica. Como vimos, as agriculturas familiares evoluíram em paralelo com o desenvolvimento das relações sociais e econômicas no campo, especialmente no que se refere à luta pela terra, e à organização das comunidades rurais.

Dessa forma, o uso e apropriação do conhecimento rural emerge como uma ferramenta essencial para solucionar os desafios práticos enfrentados no campo. Esse saber não só facilita a resolução de problemas cotidianos, como também é integrado à produção cultural das comunidades rurais. Ao longo do tempo, esse conhecimento foi incorporado de maneira natural às práticas agrícolas, tornando-se parte integrante do saber local. Assim, em vez de ser visto como algo isolado, ele é apenas mais um elemento que compõe o vasto e complexo universo de culturas contemporâneas no meio rural.

Apesar da forte relação entre o saber-fazer dos produtores rurais e o universo cultural agrário, observamos que, em certos momentos da história, o conhecimento prático do campo e o pensamento acadêmico era visto como antagônicos. Isso ocorreu, principalmente, devido à

sistematização do conhecimento técnico e científico, que se distanciou das práticas tradicionais, assumindo formas específicas e conservadoras, marcadas por uma lógica irrefutável e abstração. No entanto, em tempos recentes, diversas retóricas têm desconstruído esse antagonismo, reconhecendo que o saber-fazer dos produtores rurais, especialmente no contexto da questão agrária, é um reflexo da cultura local, e ambos podem coexistir de maneira harmônica e complementar.

A pesquisa realizada sobre a produção de leite e queijo no Sítio Marias Pretas revela uma série de insights significativos sobre a realidade social e econômica dos produtores rurais dessa região. Com uma abordagem qualitativa e fundamentada em conceitos agrários, além disso, o estudo permitiu uma compreensão das principais dificuldades enfrentadas pelos produtores e dos impactos dessas dificuldades na sua motivação e continuidade das atividades. Os resultados mostram que, apesar das adversidades, como a limitação de recursos e os desafios econômicos, os produtores de Sítio Marias Pretas mantêm viva a tradição da produção de queijos artesanais. Essa prática não só representa uma fonte crucial de renda e sustento para a comunidade local, mas também é um elemento vital na preservação do saber cultural e na identidade do grupo. A produção de queijo coalho e manteiga se revela como uma parte fundamental da economia local, evidenciando a importância do conceito de território na valorização das práticas tradicionais e na construção da identidade dos produtores.

No entanto, os desafios identificados, como a dificuldade de acesso a recursos e a necessidade de investir em melhores práticas e infraestrutura, impactam diretamente na renda dos produtores e na sustentabilidade da atividade. Esses fatores destacam a necessidade urgente de apoio e políticas públicas que possam auxiliar na superação desses obstáculos e promover a integração dos produtos no mercado formal.

Com a assunção do histórico da questão agrária brasileira e com a série de questões advindas e que respaldam nos pequenos e médios produtores, percebemos que em razão do seu forte enfoque pela luta por terras, em sua linha de pesquisa Navarro (1997) afirmou que a questão agrária no Brasil evidenciou a necessidade de um modelo de desenvolvimento rural que incluísse os pequenos produtores, cujo intuito é levar ao fortalecimento da agricultura familiar como eixo central das políticas públicas agrárias. Nesse contexto, observamos também que Miralha (2005) propõe um enfoque mais humanístico e ainda afirma que a reforma agrária hoje possui uma grande importância, principalmente no âmbito social, onde é unânime entre os estudiosos favoráveis à reforma agrária a sua importância social, como uma política de distribuição de renda e de inclusão social,

Nestas condições, observamos que o sistema agrário se vê na necessidade de compreender às frequentes transformações que ocorrem na sociedade, pelas quais são decorrentes dos descontrolados avanços nos setores tecnológicos da era pós-modernista. Como consequência desses fatores, observamos que os produtores do Sítio Marias Pretas precisam identificar e conhecer essas transformações diversas, aceitar as organizações socioculturais e o dinamismo construído entre elas, reconhecer e valorizar as práticas tradicionais desenvolvidas por cada especificidade social e respeitar a natureza do desenvolvimento intelectual e cognitivo.

Perfilando o processo exploratório para edificação deste trabalho, identificamos também alguns fatores que são apontados como possíveis causadores da desmotivação dos Produtores A, B, C e D em relação as atividades produtivas, onde revela um panorama complexo, em que fatores como o alto custo dos insumos, as condições ambientais adversas e a logística dificulta a sustentabilidade da produção de leite e queijo. A partir disso, é evidenciado que, para esses produtores, a continuidade da atividade está profundamente ligada à falta de alternativas econômicas, uma vez que muitos dependem exclusivamente da agricultura como fonte de renda.

Por esse eixo de estruturação e organização social, delineamos sobre o universo dos sujeitos camponeses e sua rica diversidade, evidenciando aspectos importantes das pesquisas de Lamarche (1998), Miralha (2005), Abramovay (1992) e Wanderley (1999; 2013). Nessa trilha, foi possível observar as dinâmicas sociais e culturais que envolvem o campesinato e de como contribuíram para uma compreensão mais ampla da realidade rural e da agricultura familiar, enfatizando a importância do campesinato na construção de territórios e na manutenção da cultura e economia rural.

Em busca de elementos, características do universo camponês, em particular com a produção artesanal do queijo de coalho, navegamos na pesquisa realizada por Almeida e Souza (2015; 2018) realizada sobre essa temática e relacionada com as tradições e técnicas de produções estabelecidas por esses produtores. Diante dela, pudemos perceber a simbologia e a cultura traçados em simples manejos, objetos, técnicas desenvolvidas e praticadas pelos sujeitos de sua pesquisa.

Este trabalho contribui de forma significativa para a análise da construção do território no Sítio Marias Pretas, ao destacar a interseção entre saberes tradicionais e necessidades contemporâneas. A pesquisa oferece uma base para futuras investigações, não apenas dentro da área agrária, mas também em outras disciplinas que possam explorar e apoiar a dinâmica e a sustentabilidade da agricultura familiar. A compreensão dos desafios e potencialidades identificados neste estudo pode servir como um ponto de partida para ações mais eficazes em prol da valorização e do fortalecimento da agricultura familiar e do desenvolvimento local.

Nestas condições, acreditamos que nossa pesquisa possa se constituir um singelo instrumento de informação aos pesquisadores face a essa temática, por desvendar algumas formas desenvolvidas e praticadas pelos produtores do queijo artesanal e relacionar com outros saberes. E ao explorar o saber-fazer tradicional dos produtores rurais, nossa investigação destaca as práticas locais de produção, ao mesmo tempo em que conecta essas práticas a questões mais amplas, como a sustentabilidade, a economia familiar e a preservação cultural.

Desse modo, nas terras do Sítio Marias Pretas, o sol desperta as manhãs com seu brilho suave, enquanto os produtores, de chapéu surrado e galochas marcadas pelo tempo, arriam suas vacas para a ordenha. O leite fresco escorre lento, como quem preserva segredos antigos, e as mãos calejadas moldam o queijo com a sabedoria de gerações. Ali, o campo não é apenas cenário, é alma, e cada pedaço de terra cultivada guarda a história de uma luta silenciosa, onde o trabalho diário se transforma em sustento, e o simples é celebrado como arte. Assim, a produção rural no Sítio Marias Pretas segue como um testemunho da resistência e da profunda conexão entre o homem, a terra e sua cultura.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial**. Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária, v. 28 n°s. 1,2 3 e 29, n°1, jan./dez., 1998 e jan./ago., 1999.
- ABRAMOVAY, RICARDO. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo. Hucitec, 1992.
- ABREU, LUCAS DIONIZIO LEITE DE. **Produção de queijos artesanais: uma revisão de literatura [recurso eletrônico]** / Lucas Dionizio Leite De Abreu.
- ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia: Bases científicas para uma agricultura sustentável**. (“Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável ...”) 3.ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2018.
- ANDRADE, MANUEL CORREIA DE. **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1963.
- BARAÚNA, João. **A luta pela terra: a história e o papel da Comissão Pastoral da Terra (CPT) no Brasil**. São Paulo: Editora Vozes, 2009.
- BOURDIEL, P. **O poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BREITENBACH, R.; BÜNDCHEN, A.; BRANDÃO, J. B.; CAIRES, L. M. **Perception of performance and importance to consumers agro-industry of family companies in the Northern region of Rio Grande do Sul state**. Ciência Rural, v. 47, n. 5, p. 1-7, 2017.
- BRITO, Antonio Diones de. **Um estudo etnomatemático [manuscrito]: reflexão sobre a prática da produção artesanal do queijo de coalho**. 2020, 107 p, il. Colorido
- BRUNO, Regina. **Desigualdade, agronegócio, agricultura familiar no Brasil**. Estudos Sociedade e Agricultura, abril de 2016, vol. 24, n. 1, p. 142-160, ISSN 1413-0580
- CABRAL, A.D. Apogeu e crise [manuscrito]: **narrativas sobre a pecuária e as fazendas na cidade de Gado Bravo – PB**, 2015.
- CABRAL, ALYSSON ANDRÉ OLIVEIRA. **Reforma agrária no Brasil: a reforma (im)possível**. João Pessoa, 2021.
- Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.38, v.2, p.84-112, ago./dez. 2016. **O conceito de território no Brasil: entre o urbano e o rural**. Eliseu S. Sposito e Marcos A. Saquet.
- CARVALHO, C. de O.; SANTOS, A. C. dos; CARVALHO, G. R. Rede Brasil Rural: **inovação no contexto da agricultura familiar**. Revista em Agronegócio e Meio Ambiente, v.8, n. 1, p. 79-94, 2015.

CAVALCANTE, J. F.M (organizador). **Queijo coalho artesanal do Nordeste do Brasil**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2017. 248p. ISBN: 978-85-7791-255-1.

CPT. **Conflitos no campo Brasil Goiânia**: Comissão Pastoral da Terra, 2003.

DELGADO, G.; SCHWAEZER, H. **Evolução histórico- legal e forma de financiamento da previdência rural no Brasil**. In: DELGADO, G.; CARDOSO JÚNIOR, J. C. (org.). **Universalização de direitos sociais no Brasil: a previdência rural nos anos 90**, Brasília: IPEA, 2000. 21

FELICIANO, C. A. (1980). **Reforma Agrária e Transformação Social**.

FELICIANO, C.A. **Movimento Camponês rebelde: a reforma agrária no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

FERNANDES, B. M. **Questão agrária, pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez, 2001.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Reforma agrária e o desenvolvimento do capitalismo no Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

GIRARDI, Eduardo Paulon. **Questão agrária, conflitos e violências no campo brasileiro**. Revista NERA, v. 22, n. 50, p. 116-134, 2019.

Graziano Neto, Francisco. (1998) **A (difícil) interpretação da realidade agrária**. In: Schmidt, Benício Viero, Marinho, Danilo Nolasco C. & Couto Rosa, Sueli L. (org.). **Os Assentamentos de Reforma Agrária no Brasil**. Brasília, Editora da UnB, p.153-169.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004.
KOSIKOWSKI, F. **Cheese and fermented milk foods**. New York: Cornell University, 1970. 429p.

LAMARCHE, H. (coord.). **A agricultura familiar: comparação internacional – do mito a realidade**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. V.1.

LAMARCHE, Hugues. **Agricultura familiar: do mito à realidade**. Campinas: UNICAMP,1998.

LIMA, E.C. **Dissidência e fragmentação da luta pela terra na ‘zona da cana’ nordestina: o estudo da questão em Alagoas, Paraíba e Pernambuco**”. Recife, 2011.

LUDKE, Marli E. D. A. André. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo,1986.

MARANHÃO, REBECCA LIMA ALBUQUERQUE; VIEIRA FILHO, JOSÉ EUSTÁQUIO RIBEIRO (2016): **A dinâmica do crescimento das exportações do agronegócio brasileiro**, Texto para Discussão, No. 2249, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília

MARTINS, J.S. **Os camponeses e a política no Brasil**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

MEDEIROS, Leonilde. **Movimentos sociais, disputas políticas e reforma agrária de mercado no Brasil**. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ e UNRISD, 2002.

MEDEIROS, ROSA MARIA VIEIRA. **Manuel Correia de Andrade e a questão agrária Brasileira**, Scripta Nova, Barcelona, Vol. XIII, núm. 288, 15 de abril de 2009.

Menezes, S. S. M. (2011). **Queijo de coalho: tradição cultural e estratégia de reprodução social na Região Nordeste**. Revista de Geografia, 28 (1), 40-56. Reteve from <https://bit.ly/3waINyX>

MIRALHA, WAGNER. VI Semana da Geografia da FCT/UNESP. **Importância e necessidade da reforma agrária para o Brasil**. 2005.

NAVARRO, Z. **Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro**. Estudos Avançados, v. 15, nº. 43, p. 83-100, 2001.

OLIVEIRA, ARIIVALDO UMBELINO DE. **A questão agrária no Brasil: desafios contemporâneos e perspectivas**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

OLIVEIRA, ARIIVALDO UMBELINO DE. **Geografia das lutas no campo: a questão agrária e os movimentos sociais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

PAULA, JUNIO CÉSAR JACINTO DE; CARVALHO, ANTÔNIO FERNANDES DE; FURTADO, MAURO MANSUR. **Princípios básicos de fabricação de queijo: do histórico à salga**. Revista do Instituto de Laticínios Cândido Tostes, [S.l.], v. 64, n. 367, p. 19-25, dez. 2009. ISSN 2238-6416. Acesso em: 19 mai. 2024

PAULA, Junior César Jacinto de; CARVALHO, Antônio Fernandes de; FURTADO, Mauro PEGADA: Revista de Geografia do Trabalho. **Quem produz comida para os brasileiros? 10 anos do Censo Agropecuário de 2006**. Revista Pegada, <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/issue/view/585>. Acesso em 10 de julho de 2024.

PRADO JR., CAIO. **História Econômica do Brasil**. 37 ed. São Paulo: Braziliense, 1976.

PRADO JR, CAIO. **Formação do Brasil contemporâneo**. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RAFFESTIN, CLAUDE. **Por uma geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1978

RIR- REGULAMENTO DO IMPOSTO DE RENDA (1999). Disponível em: <http://www.receita.fazenda>. Acesso em 22 de maio de 2024

SALLUM JR., B. **Capitalismo e cafeicultura**. São Paulo: Duas Cidades, 1982.

SARAIVA, Claudete Barbosa et al. **Aspectos ambientais da produção do queijo Minas artesanal**. Revista do Instituto de Laticínios Cândido Tostes, v. 67, n. 388, p. 41-47, 2012.

SCHNEIDER, S. **Teoria Social, agricultura familiar e pluriatividade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 18, n. 51, p. 99-121, 2003.

SCHNEIDER, Sérgio. **A modernização da agricultura e seus impactos sobre os pequenos agricultores no Brasil**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

SILVA, J. G. (1964). **O Estatuto da Terra e a reforma agrária no Brasil**.

SORJ, B. **Estado e classes sociais na agricultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

STÉDILE, João Pedro. **A questão agrária no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2002, p. 45.

TARGINO, Ivan. / **A Luta pela Terra e os Movimentos Sociais Rurais no Brasil**. Raízes. Vol.21, nº 01, jan-jun, 2002 (pág.148-160).

THOMPSON, E.P.A. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

WANDERLEY, M. N. B; FAVARETO, A. **A singularidade do rural brasileiro: implicações para as tipologias territoriais e a elaboração de políticas públicas**. In: Concepções da ruralidade contemporânea: as singularidades brasileiras. Brasília: IICA, 2013, p. 413-458.

WANDERLEY, MARIA DE NAZARETH BAUDEL. **Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro**. In: TEDESCO, JOÃO CARLOS (org.). **Agricultura Familiar Realidades e Perspectivas**. 2a. ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. Cap. 1, p. 21-55.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE POSSÍVEIS PERGUNTAS APLICADAS DURANTE O QUESTIONÁRIO AOS PRODUTORES DO SÍTIO MARIAS PRETAS – GADO BRAVO - PB

	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC CURSO DE LICENCIATURA PLENA GEOGRAFIA ORIENTADOR: PROF. DR EDVALDO CARLOS DE LIMA ORIENTANDA: LARISSA FREITAS DE SANTANA</p>
---	--

**ROTEIRO DE PROPOSTAS EXPLORATÓRIAS E INVESTIGATIVAS DO ESTUDO
CASO**

TEMA: A CADEIA PRODUTIVA DO LEITE E DO QUEIJO NO SÍTIO MARIAS PRETAS NO MODO DE PRODUÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR – GADO BRAVO – PB.

Prezado (a) produtor (a)

A entrevista que iremos lhe submeter tem por finalidade colher informações que serão de suma importância para produção de um estudo acadêmico intitulado por: a cadeia produtiva do leite e do queijo no sítio marias pretas no modo de produção da agricultura familiar – gado bravo – pb. Podendo se constituir um singelo instrumento de pesquisa científica que fornece subsídios para melhorar o entendimento das dinâmicas produtivas locais, com potencial para contribuir no reconhecimento da agricultura familiar na região.

Sua colaboração será de máxima relevância para produção deste trabalho que também tem como fim à obtenção do Título de Graduado no Curso Licenciatura Plena em Geografia.

Desde já agradecemos o tempo dedicado a nos receber e ao rico conhecimento compartilhado conosco. Esperamos que nos possam reder grandes conquistas.

Cordialmente, LARISSA FREITAS DE SANTANA

APÊNDICE B - ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

1. Tem filhos? Quantos? Tem quantos anos? Tem algum casado?
2. Como você aprendeu as práticas e conhecimentos necessários para o trabalho na agricultura?
3. Como é a produção acerca da terra em específico o cultivo do milho e feijão?
4. A produção é realizada com recursos próprios ou com financiamento?
5. O sr. /sra. precisa contratar alguém para ajudar? Paga quanto de diária?
6. O sr. /sra. produz só para consumo da família ou para venda?
7. Quais são as técnicas de produção no que se refere a criação de animais?
8. Como é o processo de produção de leite e queijo?

APÊNDICE C – RESPOSTAS DO PRODUTOR A

	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC CURSO DE LICENCIATURA PLENA GEOGRAFIA ORIENTADOR: PROF. DR EDVALDO CARLOS DE LIMA ORIENTANDA: LARISSA FREITAS DE SANTANA</p>
---	--

ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO *Produtor A*

1. Tem filhos? Quantos? Tem quantos anos? Tem algum casado? Temho 41 anos de idade, sou casado, tenho dois filhos.

2. Como você aprendeu as práticas e conhecimentos necessários para o trabalho na agricultura? Desde criança eu ajudava meus pais, principalmente com a criação de gado e produção de queijo coalho. Eu aprendi com meus familiares e desde sempre investi na produção de milho e feijão, criação de animais e queijo coalho, daí temo meu sustento para mim e minha família.

3. Como é a produção acerca da terra em específico o cultivo do milho e feijão? Preparo a terra para o cultivo do feijão e milho, depois tem a plantação usamos 4 canoas de milhos e feijão são três enreços, isso no período de inverno, a colheita é sempre em agosto para setembro, quando fizermos a colheita usamos em duas partes uma parte para os animais, outra parte é para guardar para que o próximo ano tenhamos sementes para novos plantios, isso é do milho especificamente, o feijão é apenas para consumo próprio mesmo.

4. A produção é realizada com recursos próprios ou com financiamento? Recurso próprio, porque aprendi com meus pais desde sempre a investir na produção de milho e feijão, criação de animais e produção de queijo coalho.

5. O sr. /sra. precisa contratar alguém para ajudar? Paga quanto de diária? Não, aqui na minha casa a criação de animais, cultivo de alimentos vão do ~~trabalho~~ base familiar, mas para fazer a preparação da terra para plantar, contrato trabalhadores.

coligados para preparar minha terra, emvenenar o mato, usar o trator. Pago 60 reais a diária.

6. O sr. /sra. produz só para consumo da família ou para venda? Sobre a produção de queijo coalho é para o consumo próprio e para venda local, venda domiciliar, tem também um queijeiro do Sítio Lagoa de Umburana - Estado do Rio Grande do Sul que compra aproximadamente 60 kg de queijos coalhos e ele revende para outros locais. A produção de milho e feijão é para o consumo mesmo, o que o gente come, vai armazenando, o milho depois de ceado serve de ração para as galinhas e mesmo também para os porcos.

7. Quais são as técnicas de produção no que se refere a criação de animais? O gado é criado em cercado na minha terra e alimentado por palma doce, pasta que é conhecida por torta de algodão, palha de milho, capim moído no moinho forrageiro e água, que é consumida pelo gado e da minha barragem e no período de seca, o consumo de água é de poço anteriormente sendo um deles do meu vizinho. Eu crio cabras e a alimentação delas é baseada em pasta, farelo de milho e palma doce, o leite é para os filhotes não consumo. Também crio porcos e a alimentação use da pele própria, resto de queijo coalho, essa criação de porcos é para venda e consumo de carne que é abatido na minha casa.

8. Como é o processo de produção de leite e queijo? Sobre a produção de queijos coalhos é realizada primeiro a coleta do leite da vaca, coloca o coelho no leite e espera 20 minutos até a coalhada ficar uniforme, depois mede e espera saltar o soro, depois coloca em um vasilha, exprime o soro e coloca a coalhada em um "xinxu", exprime e quando ficar firme, coloca no sal e deixa de um dia para outro para ganhar forma e consistência. As principais dificuldades que enfrentamos no rendimento do queijo é a perda no corte e o tipo de coagulante. A produção do leite existe problemas que podem afetar a produção de leite, a temperatura extrema e o frio, o consumo de poucos alimentos do gado isso diminui a produção do leite. Outros dificuldades impactam na formulação do preço entre o queijo e o leite.

APÊNDICE D – RESPOSTAS DO PRODUTOR B

	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC CURSO DE LICENCIATURA PLENA GEOGRAFIA ORIENTADOR: PROF. DR EDVALDO CARLOS DE LIMA ORIENTANDA: LARISSA FREITAS DE SANTANA</p>
--	--

ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO *Produtor B*

1. Tem filhos? Quantos? Tem quantos anos? Tem algum casado? *Tenho 44 anos, sou casado, tenho dois filhos.*

2. Como você aprendeu as práticas e conhecimentos necessários para o trabalho na agricultura? *Desde 16 anos de idade, que ajudava meu pai e minha mãe, criando gado, tirando leite, fazendo queijo, trabalhando no campo e hoje tiro o sustento da minha família com essas produções.*

3. Como é a produção acerca da terra em específico o cultivo do milho e feijão? *As produções de milho e feijão feito específico o feijão pardo, no plantio se eu tiver a garantia de que o governo usará bem. Planto milho porque serve de alimentos para as galinhas e o feijão preto e pardo serve para o consumo próprio, caso se eu ganhar muito eu guardo para o próximo ano e plantar de novo.*

4. A produção é realizada com recursos próprios ou com financiamento? *Recursos próprios, porque o que produz é tirado uma parte para o consumo e a outra parte é para investir.*

5. O sr. /sra. precisa contratar alguém para ajudar? Paga quanto de diária? *utilizo da mão de obra familiar.*

6. O sr. /sra. produz só para consumo da família ou para venda? meus produtos vão para a venda e consumo também, eu faço manteiga de terra e queijo coalho, e consumo diariamente, e o leite consumimos quase todos os dias. A venda aqui é domiciliar, as vizinhas aqui perto vêm comprar queijo coalho, também sendo queijo coalho em araçuaia e Campina Grande, mas só por encomenda pelos anos que trabalho com isso, consegui muita frequência nessa cidade.

7. Quais são as técnicas de produção no que se refere a criação de animais? Eu crio gado e alimento elas com palma e pasta, crio porcos também e com o resco do queijo coalho eu alimento eles. Crio galinhas e com o milho que planto, serve de alimentação para elas.

8. Como é o processo de produção de leite e queijo? A ordenha manual, colta de leite, logo depois, a produção do queijo coalho caseiro. Sobre a produção da manteiga de terra, eu começo coletando o leite e deixando a nata subir na superfície. Depois eu retiro essa nata e coloco em um recipiente. Ali, eu batô a nata ali ela se transforma em manteiga. aproveitamos bem todo o leite, sem desperdício. A manteiga de terra fica com um sabor muito especial e é ótima para vender ou usar na mesa própria cozinha.

Para fazer o queijo coalho utilizo uma técnica de prensagem para o queijo tomar forma, isso ajuda demais. A manteiga de terra que produzimos também é com destino a araçuaia e Campina Grande.

Só que a região que tenho que comprar fora é mais cara que o leite e o queijo que vendemos. A motivação para continuar é porque é a única fonte de renda no momento.

APÊNDICE E – RESPOSTAS DO PRODUTOR C

	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC CURSO DE LICENCIATURA PLENA GEOGRAFIA ORIENTADOR: PROF. DR EDVALDO CARLOS DE LIMA ORIENTANDA: LARISSA FREITAS DE SANTANA</p>
---	--

ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO *Produtor C*

1. Tem filhos? Quantos? Tem quantos anos? Tem algum casado? *Tenho 38 anos de idade, sou casada e tenho 1 filho.*
2. Como você aprendeu as práticas e conhecimentos necessários para o trabalho na agricultura? *ao longo do tempo fui requerendo esses produtos investindo e se tornou minha fonte de renda*
3. Como é a produção acerca da terra em específico o cultivo do milho e feijão? *A plantação de milho e feijão, primeiro passo eu arro a terra, planto as sementes, quando nasce eu limpo a terra e espero chegar o tempo de colheita.*
4. A produção é realizada com recursos próprios ou com financiamento? *recursos próprios, porque ao longo do tempo fui requerindo esses produtos, investindo e se tornou minha fonte de renda*
5. O sr. /sra. precisa contratar alguém para ajudar? Paga quanto de diária? *Tenho dois funcionários além da minha família.*

6. O sr. /sra. produz só para consumo da família ou para venda? Consumimos os produtos que produzimos e vendemos.
Produzimos o queijo coalho e a manteiga de tenc
para meu irmão, ele faz a venda em Campina
Grande. Também conhece de alguns vizinhos
compram queijo coalho e a manteiga de tenc
aqui em casa, alguns compradores também querem negociar
a venda de gado e porcos.

7. Quais são as técnicas de produção no que se refere a criação de animais? Uso a forrageira para moer o capim para
alimentar o gado, a produção do queijo manual
tem o resíduo que é o soro que serve para
alimentação dos porcos que crescem depois
de ressecar o farelo.

8. Como é o processo de produção de leite e queijo? A produção de queijo coalho se dá pela
coleta de leite, a gente ainda coleta o leite e coloca na leiteira
colocamos o coalho no leite e deixamos por meia hora
colocamos a coalhada em um saco esprememos até
o soro sair depois colocamos a coalhada no almeirão
e esprememos até o queijo ganhar forma, colocamos
sal e uma pedra em cima para pressionar o
queijo e ele não com soro e ganha forma. Produzo
manteiga de tenc também, ~~começo~~ começo coletando o
leite que vou no leite e bato para transformar em manteiga.
É um processo bem manual, mas dá um ótimo resultado.
Depois de fazer a manteiga, eu a vendo de forma direta aqui
no vizinhama, também tenho a parceria com irmão, que
leva a manteiga para vender em Campina Grande,
mas para produzir tudo isso é difícil, porque o custo dos
animais é cara e o queijo e o leite são baratos, dessa renda
a gente precisa pagar os trabalhadores e manter a
família também. Daí a gente vende os bezerros, os porcos,
e use equilibra de nós.

APÊNDICE F – RESPOSTAS DO PRODUTOR D

	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC CURSO DE LICENCIATURA PLENA GEOGRAFIA ORIENTADOR: PROF. DR EDVALDO CARLOS DE LIMA ORIENTANDA: LARISSA FREITAS DE SANTANA</p>
---	--

ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO *Produtor D*

1. Tem filhos? Quantos? Tem quantos anos? Tem algum casado? Terho 50 anos de idade, sou casada, tenho dois filhos.
2. Como você aprendeu as práticas e conhecimentos necessários para o trabalho na agricultura? Essa profissão herdei dos meus pais. Desde criança ajudava minha família com as produções incluindo o queijo de coalho.
3. Como é a produção acerca da terra em específico o cultivo do milho e feijão? A plantação de milho e feijão são produzidas de formas tradicionais.
4. A produção é realizada com recursos próprios ou com financiamento? Recursos próprios porque foi adquirindo os produtos com o tempo, e quando consegui investi hoje consigo através da venda do queijo de manteiga pagar dos trabalhadores.
5. O sr. /sra. precisa contratar alguém para ajudar? Paga quanto de diária? Sim, são 3 trabalhadores, 2 na produção de queijo de manteiga e 3 que faz a rota (Sítio Marias Pretas, Sítio Caracul, Sítio Guaribas) eles fazem a coleta do leite nesses sítios.

6. O sr. /sra. produz só para consumo da família ou para venda? Para venda, vende muito por encomendas de moradores vizinhos daqui e os ~~dois~~ três que trabalham aqui que pegam, eite em outras casas acabam fazendo esse entrega, também tem a venda para as cidades vizinhas, Campina Grande, a própria Cade Brava e Umbuzeiro.

7. Quais são as técnicas de produção no que se refere a criação de animais? Não tem gado porque teria que ter outras pessoas trabalhando aqui, não consegue cuidar dos animais. Apenas cria porcos. Como não cria gado tem que comprar leite em casas de produtores de comunidades vizinhas para então fazer os queijos de manteiga e assim eu consigo utilizar o soro para alimentar os porcos.

8. Como é o processo de produção de leite e queijo? Aqui o processo leva muito tempo no fogo, uma hora de fogo. Escorre a coalhada e coloca no tacho umas três vezes, e a coalhada tem que ficar com a textura como a do chielite, porque assim dá a liga do queijo de manteiga. Leva bastante leite e não tem como variar a quantidade do leite, porque depende da coalhada. A máquina desmatadeira age de seguinte forma, a máquina desmatadeira possuem dois lados, um desses lados é para colocar o leite um lado vai o leite desmatado e o outro lado sai a nata. Eu aproveito o soro para vender para outros produtores dos vizinhos Páras, alguns produtores, embora não se dediquem a produção queijo coalhado, criam porcos e utilizam o soro como uma fonte de alimentos, para outros, que também produzem queijo, o soro gerado em suas casas não é suficiente para alimentar os porcos. Mas toda essa produção tem muitas dificuldades, a distância para colher o leite, as despesas e muitas vezes a falta de funcionários, o que motiva mesmo é o crescimento da procura do produto por parte dos clientes por usar uma mercadoria de boa qualidade.